

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

BRUNO BAQUETE

**ANÁLISE TÁTICA NO FUTEBOL:
estudo de uma equipe sub-13**

Campinas
2010



1290005610

TCC/UNICAMP
B229a
FEF

1

BRUNO BAQUETE

**ANÁLISE TÁTICA NO FUTEBOL:
estudo de uma equipe sub-13**

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes

Campinas
2010

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF – UNICAMP**

B229a Baquete, Bruno.
Análise tática no futebol: estudo de uma equipe sub-13 / Bruno Baquete. - Campinas, SP: [s.n], 2010.

Orientador: Roberto Rodrigues Paes.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Futebol. 2. Futebol – tática. 3. Formação. 4. Categorias de base. I. Paes, Roberto Rodrigues. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

asm/fef

Título em inglês: Soccer tactical analysis: study of a soccer team U-13.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Soccer. Tactics. Formation. Under categories.

Data da defesa: 19/10/2010.

BRUNO BAQUETE

**ANÁLISE TÁTICA NO FUTEBOL:
estudo de uma equipe sub-13**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso Graduação defendido por Bruno Baquete e aprovado pela Comissão julgadora em: 19 / 10 / 2010.

Roberto Rodrigues Paes
Orientador

João Paulo Subirá Medina

Paulo Ferreira de Araújo

Campinas
2010

Dedicatória

Dedico, com todo o meu amor, este trabalho ao meu pai José Carlos e a minha mãe Maria Abadia.

Agradecimentos

Ao professor Dr. Roberto Paes, um homem sério e com um grande coração, que me deu a chance de desenvolver esse estudo; pela contribuição valorosa em minha formação; pelo apoio, orientação e pela confiança depositada em mim desde nossa primeira conversa.

Ao professor João Paulo Medina, pelo aceite em participar da banca, pela confiança no meu trabalho e pelos conselhos. Um grande sonhador que me faz acreditar que o futuro será diferente.

Ao professor Dr. Paulo Roberto de Araújo, pelo aceite em participar da banca; pela ajuda na formatação e conclusão do trabalho.

Ao professor Dr. Rodrigo Azevedo Leitão, ainda não conheci ninguém com tamanha inteligência (circunstancial é claro); pela contribuição fundamental na minha formação e não apenas acadêmica mas pessoal, cresci muito através de seus ensinamentos; por me mostrar o caminho da vitória; pela confiança e por me abrir muitos caminhos.

Ao professor Dr. Alcides Scaglia; pela contribuição fundamental neste trabalho; por abrir as portas do Paulínia Futebol Clube; pelos conselhos; e pela paixão em defender uma nova forma de pensar o esporte.

A todos os Profs. da FEF-UNICAMP que me ensinaram a compreender a Educação Física em toda sua complexidade e além disso me fizeram ter paixão pela profissão e pela arte em ensinar.

A todos os funcionários da FEF-UNICAMP, em especial ao Tião do ginásio, que trabalham muitas vezes no anonimato mas sem eles nossa faculdade não funcionaria.

A todos os jogadores e amigos que trabalharam comigo nos times de futebol da FEF e da LAU, não vou correr o risco de esquecer ninguém por isso agradeço à todos de coração pela confiança e pela desconfiança pois foram elas que me fizeram estudar cada vez mais. Muito obrigado por fazer parte da minha formação, os treinos com certeza foram grandes aulas e sem elas eu não seria o que sou hoje.

A todos os meus amigos de faculdade com quem pude discutir e compartilhar meus anseios e inquietações. Obrigado Carlão, Sayd, Shoyu, Jú, Diego, Guido, Viny, Dadado e me perdoe quem eu esqueci.

Ao grande amigo Eduardo Frattini com quem compartilho desde o primeiro ano de faculdade o sonho de trabalhar e mudar muita coisa no futebol.

Aos professores e amigos Leandro Zago e Fernando Rossini que me abriram os olhos para uma nova perspectiva no futebol; pelos ensinamentos; pelas discussões e pelos cursos informais que me dão sempre que conversamos.

Ao professor Adriano Ridolfi, uma pessoa fantástica, que desde os tempos que eu era seu aluno na escola de futebol me ensinou muito sobre amizade, liderança, seriedade, honestidade, etc. Foi o primeiro a me abrir as portas na profissão e continua fazendo isso até hoje, não o considero como um amigo mas sim como um irmão mais velho. Muito obrigado pelas oportunidades e pelos ensinamentos.

Ao pessoal da Scout Online em especial ao Professor Eduardo Fantato, que me ajudou e cedeu o software da empresa para a produção deste trabalho.

Ao pessoal do Paulínia Futebol Clube, Lucas Leonardo, Rafael Menezes, Eduardo Barros, muito obrigado pela ajuda e por abrir as portas do clube para mim.

Aos meus MAIORES professores, minha mãe Maria Abadia Ferreira Baquete e meu pai José Carlos Baquete que me ensinam, todo dia, a como ser como homem. Vocês não imaginam o orgulho que eu tenho de vocês. Muito obrigado pelo amor incondicional. Muito obrigado por acreditar em meu sonho. Uma das maiores lembranças que tenho na minha memória foi do dia que descobri que tinha passado no vestibular da UNICAMP e nos abraçamos e choramos juntos, neste dia não imaginávamos o caminho que estava pela frente. Caminho com muitos lanches feitos, muito uniformes lavados, muitas vezes ficaram sem carro para eu poder ir para a faculdade, muitas noites sem dormir por conta das festas e sou muito grato por tudo isso, sem vocês eu não teria conseguido sozinho. Amo muito vocês.

Ao meu irmão Leonardo, que dias atrás era meu pequeno irmão mais novo, hoje é um grande homem cheio de responsabilidades. Eu o admiro pela maturidade e por nunca ficar em cima do muro, tem sua opinião formada e a defende ferrenhamente muitas vezes se excede mas com o tempo tenho certeza que aprenderá que ter sua opinião formada não significa dizer que os outros estão errados.

À minha namorada Bianca, minha pequena, uma mulher com um coração do tamanho do mundo. Nos conhecemos quase que sem querer e quando nos demos conta já estávamos apaixonados. Conhecer você foi a melhor coisa que me aconteceu nesses 5 anos de FEF. A cada dia te conheço melhor e gosto mais de você. Muito obrigado pelo companheirismo, carinho e em especial pela paciência que muitas vezes não mereço. Muito obrigado por me fazer acreditar que não podemos ser felizes sozinhos. Sem você não sou completo. Hoje sou feliz por você fazer parte da minha vida. Te amo.

BAQUETE, Bruno. **Análise tática no futebol**: estudo de uma equipe sub-13. 2010. 82f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RESUMO

O esporte é um meio formativo por excelência e com o futebol não é diferente. Entretanto para que isso se manifeste na prática, ela deve ser balizada por princípios pedagógicos. A formação tática de um atleta de futebol deveria ser realizada dentro das categorias de base, entretanto poucos estudos são realizados sobre esse tema. Muito se evoluiu na preparação física, nutrição, psicologia, mas aspectos táticos e programas de formação são pouco explorados dentro do futebol brasileiro e mesmo os que existem tem uma visão tecnicista descontextualizada que se baseia no aprendizado da técnica descontextualizada da tática de jogo. O futebol proporciona para os jogadores um ambiente complexo e seus acontecimentos são aleatórios por isso o praticante deve estar em uma constante ação tática para solucionar da melhor maneira possível os problemas do jogo. A ação do jogador no jogo reflete seu acervo tático adquirido nos treinos principalmente. Se o processo pedagógico não é norteado por princípios adequados às ações táticas do jogador acaba sendo de baixa qualidade, o que por consequência torna o jogo de baixa qualidade. Sendo o jogo de baixa qualidade há um desinteresse do público e possivelmente de novos praticantes. Outro fator prejudicial ao processo de formação de atletas no futebol brasileiro é o imediatismo, onde se busca a vitória acima de tudo desde as categorias menores. Problemas na formação de um atleta não prejudicam apenas o jogador, prejudicam o clube, pois são das categorias de base que saem os futuros profissionais e possivelmente craques. Essa pesquisa busca analisar a dimensão tática dentro da categoria de base do futebol, pois a tática segundo Gréhaigne (1997) ocupa o núcleo da estrutura de rendimento.

Palavras-Chaves: Futebol; Tática; Formação; Categoria de base

BAQUETE, Bruno. **Tactical analysis in soccer**: study of a soccer team U-13 male. 2010. 82p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

ABSTRACT

The sport is an important formative way and when talking about soccer is not different. However in order to express it in practice, it must be marked out by pedagogical principles. The tactical formation of a soccer player should be performed within the under categories, though just a few studies are done about this topic. Lot has evolved in the field of fitness, nutrition, psychology, but tactical aspects and formation programs are not enough explored in Brazilian Soccer and even those that already exist have a decontextualized technical view based on the learning of the decontextualized technical from tactics of the game. Soccer provides for the players a complex environment its events are random; therefore the player has to be in a constant tactical action to solve in a better manner the game problems. Player's action during a game reflects his tactical acquis mainly acquired in training, whether the pedagogical process is not aimed by appropriate principles to player's tactical actions it will result in a low quality, and by consequence it makes a low quality game. Being the game of low quality there is a decline in the public interest and likely the new players. Another harmful factor in the formation process of athletes in Brazilian soccer is the immediacy, which attempts to win above all since the lower categories. Troubles during the growth of an athlete do not harm only the player, harm the club; because under categories are from where the future professionals leave and likely the ace players. This research aims to analyze the tactical extent within under categories of soccer, because the tactical according to Gréhaigne (1997) takes the inner structure of income.

Keywords: Soccer, Tactics, Formation, Under Categories

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Campograma utilizado.....	44
Figura 2 -	Ponto de ocorrência dos fundamentos de um jogador e o ponto médio das suas ações.....	45
Figura 3 -	Posicionamento efetivo da equipe no primeiro jogo.....	47
Figura 4 -	Jogador da equipe analisada realiza comunicação gestual com os companheiros de equipe.....	48
Figura 5 -	Jogador da equipe analisada portador da bola mantém o controle da mesma utilizando a visão central e periférica.....	49
Figura 6 -	Distribuição de passes certos no campo no primeiro jogo.....	50
Figura 7 -	Jogadores da equipe analisada impedem a progressão da equipe adversária	51
Figura 8 -	Posicionamento efetivo no segundo jogo.....	51
Figura 9 -	Ações com bola do jogador nº 6 da equipe analisada.....	52
Figura 10 -	Jogador da equipe analisada realiza comunicação gestual com os companheiros de equipe	52
Figura 11 -	Jogador da equipe analisada (Branco) mantém o controle da bola utilizando a visão periférica sobre a mesma.....	53
Figura 12 -	Distribuição de passes certos no campo no segundo jogo.....	54
Figura 13 -	Jogadores da equipe analisada (Branco) impedem a progressão da equipe adversária (Verde).....	55
Figura 14 -	Posicionamento efetivo no terceiro jogo.....	56
Figura 15 -	Jogador da equipe analisada realiza comunicação gestual com os companheiros de equipe.....	56
Figura 16 -	Jogador mantém o controle da bola utilizando a visão central sobre a mesma.....	57
Figura 17 -	Jogador busca o drible para progredir no campo de jogo em direção ao gol.	58
Figura 18 -	Jogador portador da bola utiliza a corrida direta para progredir no campo de jogo em direção ao gol.....	59
Figura 19 -	Jogador agindo sobre o portador da bola a fim de dificultar a progressão do mesmo no campo de jogo.....	60
Figura 20 -	Posicionamento efetivo no quarto jogo.....	61
Figura 21 -	Jogador da equipe analisada comunicação gestual os companheiros de equipe.....	61
Figura 22 -	Jogador mantém o controle da bola utilizando a visão periférica sobre a mesma.....	62
Figura 23 -	Ponto da realização dos fundamentos passe no campo no quarto jogo.....	63
Figura 24 -	Regra de ação da equipe.....	63
Figura 25 -	Lançamento do goleiro.....	64

Figura 26 - Regra de ação da equipe.....	65
Figura 27 - Posicionamento efetivo no quinto jogo.....	66
Figura 28 - Jogador da equipe analisada realiza comunicação gestual os companheiros de equipe.....	67
Figura 29 - Regra de ação da equipe	68
Figura 30 - Regra de ação da equipe.....	69
Figura 31 - Posicionamento efetivo ao longo dos jogos analisados.....	71
Figura 32 - Comunicação gestual dos jogadores da equipe analisada.....	72
Figura 33 - Relação com a bola da equipe analisada.....	73

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Número total de passes da equipe nos jogos analisados.....	50
Gráfico 2 - Número total de desarmes e interceptações nos jogos analisados.....	65
Gráfico 3 - Aproveitamento dos passes nos jogos analisados.....	67
Gráfico 4 - Número total de finalizações da equipe nos jogos analisados.....	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os Princípios operacionais do jogo (BAYER,1994).....	38
Quadro 2 - Data dos jogos coletados	43
Quadro 3 - As fases de Jogo (GARGANTA, 1994).....	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Períodos sensíveis do desenvolvimento das capacidades físicas	28
---	----

SUMÁRIO

1 Introdução	27
2 Objetivos	31
3 Revisão de Literatura	33
3.1 Pedagogia do Esporte.....	33
3.2 Novas Tendências em Pedagogia do Esporte.....	34
3.3 Jogos Desportivos Coletivos.....	36
3.4 Futebol.....	39
4 Metodologia da Pesquisa	43
4.1 Amostras.....	43
4.2 Gravações.....	43
4.3 Análise do Espaço de Jogo.....	43
4.4 Método.....	45
5 Resultados e discussão	47
5.1 Filmagem 1.....	47
5.2 Filmagem 2.....	51
5.3 Filmagem 3.....	55
5.4 Filmagem 4.....	60
5.5 Filmagem 5.....	66
5.6 Sintetizando as análises.....	70
6 Considerações Finais	77
7 Referências	79

1 Introdução

Vivemos em um país onde o sonho de ser jogador de futebol é comum. Esse sonho passa, quase que obrigatoriamente, pelas categorias de base dos clubes de futebol, onde em tese são formados nossos futuros jogadores profissionais.

Essa formação recai, muitas vezes, no ensino dos fundamentos técnicos do jogo. O jovem é visto apenas como um reprodutor de movimentos e os aspectos táticos do jogo são deixados de lado.

A tática é vista apenas como uma ferramenta para vencer o adversário no final de semana. Os treinadores modificam a forma de jogar da equipe, não com o objetivo de submeter os atletas a diferentes estímulos, mas porque a equipe perdeu o jogo. Alguns treinadores de equipe profissionais destacaram que há carência em determinadas posições de jogo e atribuíram isso ao fato de que se dá uma valorização excessiva ao resultado na categoria de base e a formação propriamente dita é deixada de lado.

Poucos são os clubes que adotam um currículo de formação para suas equipes da categoria de base. Nesses currículos todos os conteúdos táticos, técnicos e físicos são devidamente distribuídos ao longo do processo de formação. Com esse currículo podemos avaliar se o processo está adequado e através de avaliações periódicas, verificar se a formação está sendo realizada de forma satisfatória.

No que tange os aspectos físicos do jogo, já existem inúmeros estudos sobre a prescrição do treino e a avaliação das capacidades físicas para jovens futebolistas. Inclusive com as fases sensíveis para o desenvolvimento de determinadas capacidades conforme tabela 1:

Tabela 1 – Períodos sensíveis do desenvolvimento das capacidades físicas

		Períodos sensíveis do desenvolvimento das capacidades físicas																	
Capacidades físicas	idade	7	8	8	9	10	10	11	11	12	12	13	13	14	14	15	15	16	17
	sexo	h	m	h	m	h	m	h	m	h	m	h	m	h	m	h	m	h	m
Capacidade de Velocidade		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Capacidade de Velocidade e Força			■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Capacidades de Força				■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Capacidades de Coordenação		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Flexibilidade		■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Resistência																			

ZAKHAROV, 1992, p.295

Já nos aspectos táticos essa discussão ainda é pequena, se tomarmos por base o acervo nacional é menor ainda. Por isso esse estudo vem para contribuir com a discussão da análise tática do jogo e de como esta é fundamental para a avaliação da evolução de uma equipe de futebol na categoria de base.

É preciso olharmos para a categoria de base e verificar se a formação está sendo realizada de forma adequada. Para isso precisamos ter parâmetros para fazer tal avaliação. Neste estudo utilizamos a tabela de Garganta (1994) onde as variáveis observadas foram: a “comunicação na ação” (comunicação verbal e não verbal entre os jogadores da mesma equipe), “estruturação do espaço” (ocupação efetiva dos jogadores no campo de jogo) e a “relação com a bola” (relação do indivíduo com a bola). A partir da avaliação desses parâmetros verificamos em qual fase de jogo a equipe se encontrava: Fase de Jogo Anárquico, Fase de Jogo Descentrado, Fase de Jogo Estruturado e Fase de Jogo Elaborado. Através desta análise avaliamos se houve ou não uma evolução tática na equipe. Foi escolhida uma equipe Sub-13, pois essa é uma categoria inicial onde os parâmetros observados poderiam ter uma evolução mais nítida e expressiva para o estudo. Além disso a acessibilidade à comissão técnica da categoria também foi levado em conta para essa escolha.

O presente estudo tem o foco voltado para a tática porém a formação deve se dar de forma global e ser vista em sua totalidade. A formação deve ter como o norte central educar o ser – humano e formar o jovem em sua totalidade. (SCAGLIA, 2010, 1999; SCAGLIA E SOUZA, 2004; SERGIO, 2003; FREIRE E SCAGLIA, 2003).

Essa discussão é fomentada por muitos autores da ciência do esporte que discutem a pedagogia do esporte como um facilitador para o desenvolvimento das potencialidades e da formação de jovens praticantes de modalidades esportivas. (TEODEREUSCU, 2003; PAES, 2002, 2001; BALBINO, 2002, 2001; PAES E BALBINO, 2005; FREIRE, 2005, 2003, 2002, 2000, 1997; FREIRE E SCAGLIA, 2003; SCAGLIA, 2003, 1999, 2003; GARGANTA, 1995; GRAÇA, 1995; GRECO E BENDA, 1998; GRECO, 2000).

É de suma importância entender como o processo de ensino acontece e como podemos balizar nossa prática para uma formação integral do indivíduo.

2 Objetivos

Os objetivos desta pesquisa foram:

Objetivo geral:

- Analisar a evolução da aprendizagem tática dentro do processo de formação de atletas de futebol.

Objetivos específicos:

- Analisar a fase de jogo dos atletas da equipe ao longo dos jogos coletados.
- Analisar os princípios operacionais predominantes da equipe ao longo dos jogos.

3 Revisão de Literatura

3.1. Pedagogia do esporte

A pedagogia do esporte é a área do conhecimento que aborda a prática educativa, especificamente do esporte (PAES, MONTAGNER, FERREIRA, 2009). Para Libâneo (2002), a pedagogia tem a incumbência de explicitar objetivos e formas de intervenção metodológica nas atividades educativas, implicando assim na transmissão/assimilação dos saberes e modos de ação na prática esportiva.

O esporte é uma grande ferramenta para a educação e formação de jovens, porém para que isso seja realidade o processo de ensino deve se dar em um ambiente de aprendizagem e de oportunidades, onde os alunos poderão desenvolver não só conhecimentos técnicos e táticos da modalidade. (TEODURESCU, 2003; PAES, 2002, 2001; SCAGLIA, 2003). Segundo Scaglia (2010) o processo de ensino deve abarcar “...as questões relativas à dimensão conceitual e atitudinal, como valores culturais, morais e sociais...”.

Segundo Montagner (1999) o esporte pode ter um caráter pedagógico, educativo, de alto rendimento, alienado e isso depende da forma como os agentes (professores, treinadores, políticos etc.) lidam com ele. Para Scaglia (2010) o esporte educativo e pedagógico precisa de profissionais alinhados com sua função de educador. Corroborando com a discussão Paes (2002) afirma que este profissional deve compreender o esporte e a pedagogia de forma mais ampla, indo além da técnica. Estes devem ser agentes transformadores do processo de educação de crianças e jovens.

Paes (2009) vai além e aponta que a pedagogia de esporte deve atender mais do que apenas aos propósitos relacionados ao desenvolvimento do jogo, mas para o desenvolvimento em aspectos da vida dos indivíduos praticantes. Libâneo (2002) afirma que a pedagogia do esporte não pode tratar os seus conteúdos de forma simples, sem levar em conta a responsabilidade social e a formação de cidadãos. Desta forma a pedagogia terá o papel de aportar princípios pedagógicos, sistematizar, executar e avaliar procedimentos pedagógicos, levando em conta o ser humano em sua totalidade. (PAES, MONTAGNER, FERREIRA, 2009)

Por meio das palavras de Alcides Scaglia (2010, p.04):

A pedagogia do esporte deve se assumir definitivamente como a área, no interior da Educação Física, responsável por organizar conscientemente e de forma comprometida todo o processo de ensino, aprendizagem e treinamento dos esportes, quer num ambiente de educação formal ou não-formal. Ou seja, cabe a essa distinta área, por meio de seus qualificados profissionais, responder pedagogicamente as questões relativas a: como ensinar esportes, o que ensinar dos esportes, para quem ensinar esportes e porque ensinar esportes, sendo que este esporte deve ser entendido como um constructo cultural, historicamente construído pela sociedade humana.

Para o desenvolvimento da pedagogia do esporte é preciso que haja uma discussão a cerca da metodologia e didática do ensino. O esporte deverá ser discutido de forma processual onde a formação do individuo de forma global deverá ser o objetivo. Manuel Sérgio afirma (2003, p.65) “[...] a pedagogia é uma ciência e não é possível orientar uma criança à base da intuição, esquecendo as exigências hodiernas da pedagogia”.

O ensinar, na educação física em geral, não deve se caracterizar como uma intervenção simples destituída de conteúdo em que prevalece a imitação de gestos, onde o aluno é apenas um receptor passivo e acrítico. O ensinar esporte transcende essas questões e deve ser entendido como uma prática pedagógica, desenvolvida dentro de um processo de ensino-aprendizagem. Neste processo o aluno é um agente ativo que deverá ser inserido em um contexto de aprendizagem no qual haverá a integração do novo com os conteúdos que ele já sabe, desenvolvendo assim seu acervo cultural-esportivo. (SCAGLIA, 2010, 2003; FREIRE; SCAGLIA, 2003).

3.2. Novas Tendências em Pedagogia do Esporte

Segundo Scaglia (2010) as novas tendências em pedagogia do esporte surgem sobre uma nova perspectiva. Elas não vêm para ajustar o tradicional, mas emergem de um novo paradigma. Para Thomas Khun (2003) os paradigmas são postulados científicos reconhecidos universalmente que, durante um determinado período de tempo, nos dão subsídios para problemas e soluções modulares dentro de determinadas sociedades científicas. Para Morin (2006, p.10) os paradigmas seriam:

[...] princípios ‘supralógicos’ de organização do pensamento, princípios ocultos que governam nossa visão do mundo, que controlam a lógica dos nossos discursos, que comandam nossa seleção de dados significativos e nossa recusa dos não significativos, sem que tenhamos consciência disto.

Segundo Scaglia (2010) as rupturas paradigmáticas não são rápidas e nem fáceis de serem explicadas. Antes dessa ruptura temos alguns sinais que apontam a necessidade de mudança e assim se inicia uma caminhada, rumo à ruptura que se torna cada vez mais abrangente e inevitável. Porém, o autor ressalta que essa mudança deve apresentar uma nova forma de fazer as coisas, melhor do que o anterior fazia, pois se for de outra maneira a ruptura paradigmática não se justifica.

Na pedagogia do esporte a ruptura paradigmática deve acontecer não apenas na metodologia de ensino mas na forma de pensar todo o processo pedagógico. Essas novas tendências em pedagogia do esporte vêm para romper com o paradigma tecnicista que segundo Scaglia (2010) já viveu seus tempos de modelo de solução aos problemas da comunidade da ciência do esporte. Para este autor “sob a ótica das novas tendências em pedagogia do esporte se pode destacar as mazelas do método tecnicista.”

Segundo Scaglia (2010) o modelo tecnicista fragmenta o jogo em fundamentos técnicos, onde cada parte é trabalhada descontextualizada a fim de automatizar gestos técnicos fechados. O jogo de futebol é um jogo caracterizado pela imprevisibilidade e por habilidades abertas, (GRAÇA, 1995) ou seja, habilidades ajustáveis aos contextos do jogo, pois o ambiente do jogo não segue uma ordem linear (SCAGLIA, 2010). O mais importante então seria ampliar a capacidade de executar o passe em diferentes circunstâncias envolto em um ambiente aberto (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

Para Scaglia (2010) o futebol exige um jogador inteligente que seja capaz de resolver as situações-problemas do jogo aproximando cada vez mais o pensamento da ação dentro deste ambiente imprevisível e com situações diversas.

“E, segundo as novas tendências em pedagogia do esporte, seria possível formar este jogador (inteligente), desde que se supere o obsoleto método tecnicista, e por meio de treinamentos consonantes às exigências do jogo, potencialize-se o aprendizado, permitindo que os jogadores na iniciação e na especialização possam desenvolver seus potenciais, e não enterrá-los para o juízo final (REVERDITO, SCAGLIA; PAES, 2009; REVERDITO; SCAGLIA, 2009), seguindo esta reflexão, o craque do futuro não será mais o malabarista, mas sim o que faz arte contextualizada, gerando um novo e contemporâneo esporte-arte.”(SCAGLIA, 2010, p.7)

Para Scaglia (2003; 1999) e Freire (2003) as novas tendências em pedagogia do esporte estão pautadas em princípios pedagógicos onde o foco é o desenvolvimento da autonomia, criticidade e a compreensão do fazer de que joga, respeitando à sua cultura corporal e social.

Reverdito, Scaglia e Paes (2009, p. 603) afirmam:

A prática pedagógica sustenta-se sobre a diversidade e os princípios pedagógicos do ensinar esportes a todos, ensinar esporte bem a todos, ensinar mais que esportes e ensinar a gostar de esportes. Sua estratégia-metodologia está pautada na aprendizagem do jogo por meio do jogo jogado, sendo o ensino orientado para compreensão do jogo, com o objetivo do desenvolvimento da capacidade tática (cognitiva) em direção à especificidade técnica (motora específica), privilegiando situações de jogos e brincadeiras populares da cultura infantil, metodicamente orientados pelo jogo-trabalho. Os autores apóiam-se nos fundamentos das abordagens interacionistas e do pensamento sistêmico-complexo, para as bases da teoria do jogo, privilegiando o aprendizado na interação entre a capacidade de aprender e das diferentes produções culturais já existentes, sendo o jogo principal ambiente dessa interação.

3.3. Jogos Desportivos Coletivos

Os Jogos Desportivos Coletivos (JDC) englobam modalidades como o Basquetebol, o Handebol, o Futebol e o Voleibol, entre outras. Todas essas modalidades segundo Bayer (1994) possuem denominadores comuns. Todos eles possuem um objeto de disputa (a bola), um terreno de jogo, um alvo a atacar e outro a defender, companheiros de equipe, adversários e todos têm suas regras específicas. Essas regras garantem a diferença entre cada jogo e fazem com que cada um tenha a sua própria especificidade.

Os JDC segundo Garganta (1994) são atividades em suma caracterizadas por situações de imprevisibilidade onde cada indivíduo que joga tem que resolver os problemas circunstanciais do jogo levando em conta a interligação complexa entre os elementos táticos, técnicos, físicos e psíquicos impostos pela situação. O jogo pede que o jogador tenha uma capacidade de adaptação a novas situações. Adaptabilidade segundo Garganta (1994) remete a inteligência de jogo do jogador, para responder a situações aleatórias e complexas que acontecem a todo o momento dentro do jogo. Outro traço fundamental que o autor coloca é a cooperação entre os elementos da mesma equipe para vencer a oposição da equipe adversária, onde cada indivíduo pode manifestar sua individualidade mas os interesses da equipe não podem ser esquecidos.

Segundo Gréhaine e Guillon (1992) citado por Garganta (1994) no contexto do jogo pode-se enumerar três grandes categorias de problemas:

No plano espacial temporal:

No momento ofensivo – problemas na utilização da bola, individual e coletivamente, na tentativa de ultrapassar os adversários

No momento defensivo – problemas na produção de obstáculos, com a finalidade de dificultar ou parar o movimento da bola e da equipe adversária, no intuito de recuperar a posse da mesma.

No plano da informação:

Problemas na produção de incertezas para os adversários e certezas para seus companheiros de equipe. O aumento da incerteza do adversário está ligado às alternativas propostas pela sua equipe.

No plano da organização

Problemas na transição de um projeto individual para um projeto coletivo, dando o melhor de si para a equipe, integrando o projeto coletivo na ação individual.

Segundo Garganta (1997) partindo da observação destes planos, as equipes se comportam como coletivos, organizando-se em função de regras, princípios, prescrições e de acordo com uma lógica particular. As ações dos jogadores de uma mesma equipe tendem a convergir na medida em que as estratégias e ações individuais são direcionadas para um objetivo comum.

“...a cada situação oferecida pelo jogo, cada jogador privilegiará determinadas ações em detrimento de outras, estabelecendo uma hierarquia de relações de exclusão e de preferências, com implicações no comportamento da equipe enquanto sistema. Assim a equipe constitui uma totalidade em permanente construção, na qual as ações pontuais, mesmo que aparentemente isoladas, influem no comportamento coletivo. Trata-se de uma atividade coletiva, que consiste numa rede de interações complexas, de cooperação e oposição, integrando distintos níveis de organização” (GRÉHAINE, 1989 citado por LEITÃO, 2004, p. 55)

Segundo Bayer (1994), os JDC possuem princípios comuns e idênticos que regem a ação dos atletas em momento de ataque e de defesa. Esses princípios devem ser idênticos para todos os jogadores de uma mesma equipe a fim de possibilitar uma compreensão mútua dos mesmos em situações complexas e aleatórias de jogo. E estes não são fatores de mecanização e repressão dos atletas mas sim balizadores de suas ações onde cada princípio da equipe deve ter um significado para o jogador que a partir desse referencial “deve compreender e antecipar as situações que se desenrolam, para agir de maneira vantajosa durante situações nas quais se encontra implicado.” (BAYER,1994) Os princípios

operacionais são descritos pelo mesmo autor em 3 de ataque e 3 de defesa que se contrapõem como mostra a quadrol:

Quadro 1 – Os Princípios operacionais do jogo

Ataque	Defesa
Conservação da Bola	Recuperação da bola
Progressão dos jogadores e da bola para a baliza adversária	Impedir a progressão dos jogadores e da bola para a minha própria baliza
Atacar a baliza adversária	Proteção da minha baliza e do meu campo.

Fonte: BAYER (1994).

Cada princípio baliza de uma maneira específica as regras de ação dos jogadores, como descrito abaixo, segundo Bayer (1994):

Princípio Operacional: Atacar a baliza adversária

Regras de ação individual (Portador da bola): Lançar com precisão e muitas vezes com potência a bola num ou sobre um alvo, após estar ou ter sido desmarcado: criação duma situação de superioridade numérica ou 1 contra o goleiro.

Regras de ação coletiva (sem portadores de posse de bola): Pressionar o adversário do seu parceiro para manter mais tempo o espaço livre aberto e facilitar a sua desmarcação; colocar-se em apoio em caso de sucesso do remate ou na impossibilidade deste.

Princípio Operacional: Progressão para a baliza adversária no ataque

Regras de ação individual: Levar a bola para a baliza adversária realizando corrida para o espaço livre para a baliza e manobras contra adversários diretos.

Regras de ação coletiva: Trocas de posições curtas e longas a fim de criação de linhas de passes e desmarcações em progressão.

Princípio Operacional: A conservação da posse no ataque

Regras de ação individual: Manter o controle da bola, transmissão (passe) da bola.

Regras de ação coletiva: Desmarcação, chamada da bola, troca com os parceiros.

Princípio Operacional: A recuperação da bola na defesa

Regras de ação individual: Agir ativamente sobre o portador da bola; sobre

os não portadores da bola; sobre a trajetória da mesma. Pressionar em contato; muito próximo ao portador da bola.

Regras de ação coletiva: Agir sobre toda a equipe adversária a fim de recuperar a posse de bola pressionando tanto o portador da bola (recuperação a partir de um combate direto) como o restante da equipe (recuperar a bola através de interceptações).

Princípio Operacional: Perturbar a progressão do adversário na defesa

Regras de ação individual: Agir sobre o portador da bola para impedir a progressão do adversário nos espaços livres do portador da bola.

Regras de ação coletiva: Marcação dos adversários não portadores da bola para impedir os passes.

Princípio Operacional: A proteção da baliza na defesa

Regras de ação individual: Agir sobre a trajetória do remate, pressionar, interceptar, dissuadir o portador da bola.

Regras de ação coletiva: Criar superioridade numérica no lado da bola; ajudar o companheiro defensor responsável pelo portador da bola.

3.4. Futebol

O futebol é o esporte mais popular do mundo. O Brasil é considerado o país do futebol e muitas crianças sonham em ser grandes jogadores e conseqüentemente astros do mundo esportivo. Além disso o futebol é um grande produto mercadológico e movimenta milhões por todo o mundo. Entretanto por muitos profissionais não é tratado em sua magnitude, principalmente dentro das categorias de base.

“ O futebol é inequivocadamente um fenômeno de elevada magnitude no quadro da cultura desportiva contemporânea. Paradoxalmente, é possível constatar a existência de significativas “resistências” ao nível do reconhecimento do potencial educativo e formativo que esta modalidade, enquanto matéria de ensino e treino, encerra. Não são porém menores, nem menos expressivas, as objeções que se tem colocado á possibilidade do futebol se construir objeto de estudo e campo de problematização científica” (GARGANTA, 1994, p. 12)

O ensino do futebol muitas vezes recai sobre o ensino da técnica descontextualizada da tática, entretanto segundo Garganta (1994) o primeiro problema que se coloca ao praticante é sempre de natureza tática, os fatores técnicos são sempre determinados por um contexto tático, em suma a tática e a técnica são indissociáveis.

“ A verdadeira dimensão da técnica repousa então na sua utilidade para servir a inteligência e a capacidade de decisão tática dos jogadores e das equipes o jogo. Um bom executante é, antes de mais, um indivíduo capaz de selecionar as técnicas mais adequadas para responder às sucessivas configurações do jogo.”(GARGANTA, 1994, p.15)

Para resolver as questões do jogo o jogador deve estar em uma constante ação tático-estratégica, que é condicionado pela sua percepção de jogo.

“...a seleção do numero e qualidade das ações depende obviamente do conhecimento que o jogador tem do jogo. Quer isto dizer que a forma de atuação de um jogador está fortemente condicionada pelos seus modelos de explicação, ou seja, pelo modo como ele concebe o jogo. São esses modelos que orientem as respectivas decisões, condicionando a organização da percepção, a compreensão das informações e a resposta motora.” (GARGANTA, 1994, p.13)

Segundo Santana (2004) a capacidade de perceber o espaço, o colega, o adversário, de decidir e de antecipar-se em meio à complexidade e aleatoriedade de acontecimentos dentro do ambiente de jogo é chamada inteligência tática. Essa inteligência tática deve ser estimulada no processo de treino, para que no jogo ela se manifeste e o indivíduo consiga responder da melhor maneira possível as situações-problemas apresentadas no jogo.

Para o entendimento do jogo de futebol é necessário um conhecimento do jogo como um todo e de sua lógica. Para Freire (2002) todos os jogos apresentam uma lógica comum. O conhecimento desta lógica é a chave para o entendimento do jogo e conseqüentemente para uma intervenção precisa sobre o mesmo.

Em uma perspectiva matemática a teoria do jogo é a ciência da estratégia. Ela aborda aspectos lógicos e matemáticos sobre as atitudes que os jogadores devem tomar para obter êxito em um determinado conjunto de “jogos”.

Segundo Ditix e Nalebuff (2001) a essência do jogo se baseia na interdependência de estratégias seqüenciais e simultâneas. Estratégias seqüenciais são onde os jogadores se movem em seqüência, conscientes das ações anteriores dos outros. Nas estratégias simultâneas, os jogadores agem concomitantemente desconhecendo as ações dos outros jogadores, porem ele deve estar ciente de que há outros jogadores agindo e interagindo

no mesmo ambiente que por vezes é caótico. Este jogador deve se colocar no lugar dos outros jogadores e assim tentar prever o resultado final da jogada.

“Para os mesmos autores, um jogador num jogo de estratégia seqüencial deve ter como princípios gerais para se guiar antecipar o futuro e raciocinar sobre o passado. Cada jogador deve procurar perceber o modo como os outros jogadores vão reagir à sua jogada, como ele próprio vai por sua vez reagir, e assim por diante. O jogador antecipa as conseqüências das suas decisões iniciais, e utiliza essa informação para definir a sua melhor opção em cada momento. Quando pensa no modo como os outros jogadores vão reagir à sua jogada, como ele próprio vai por sua vez reagir, deve colocar-se na sua pele e pensar como eles; não deve impor a eles a sua própria linha de raciocínio.” (LEITÃO, 2004, p.28)

Os jogos seqüenciais podem ser “resolvidos” se terminarem após uma seqüência finita de jogadas. Entretanto os jogos simultâneos não podem ser resolvidos, mas possuem segundo Dittus; Nalebuff (2001) um círculo lógico, que não o torna previsível, porém é possível se guiar, antecipar o futuro e raciocinar sobre o passado.

Os mesmo autores afirmam que o jogo de futebol contém elementos seqüenciais e simultâneos. Pensemos no pênalti para clarificar essa idéia. No pênalti se o goleiro agir independente da ação do cobrador o jogo para ele é simultâneo onde ele age concomitantemente com o cobrador, se colocando no lugar dele, tentando prever o desfecho da jogada. Caso o goleiro tome a decisão de agir de determinada forma após a ação do cobrador este jogo se torna um jogo sequencial para ele, pois ele age seqüencialmente a ação do cobrador. O cobrador toma a decisão e a partir desta análise o goleiro toma a sua própria decisão.

Na maior parte do jogo de futebol são as estratégias simultâneas que se mostram predominantes, nessas estratégias os jogadores não tem o privilégio de observar as ações dos outros para agir, por isso o conhecimento da lógica interna do jogo é fundamental para o entendimento do mesmo e para a antecipação de alguns comportamentos do sistema (jogo). É possível a identificação de padrões em meio à aleatoriedade do jogo. Padrões que são fundamentais, pois funcionam como referenciais para avaliação do ensino e permite verificar os efeitos do treino. (GARGANTA,1994)

“Este tipo de informação, uma vez sistematizada, permite racionalizar os designados padrões de jogo e por extensão os modelos de jogo, que no contexto do Futebol constituem importantes utensílios, na medida em que funcionam referenciais para concretização dos objetivos e para avaliação e elaboração das situações de ensino e treino do jogo. Assim permitem não só articular e organizar o conhecimento, mas também verificar e corrigir a ação” (GARGANTA, 1997, p.58).

Os jogos não constituem uma seqüência de ações pré-determinadas, eles não podem ser reduzidos a um modelo algorítmico. Logo este deve ser analisado de forma complexa. Segundo Leitão (2004) o jogo é um sistema complexo dentro de um ambiente complexo. Scaglia (2003) afirma: "...o jogo se caracteriza como uma unidade complexa, envolto pela organização sistêmica de suas estruturas padrões."

4 Metodologia da pesquisa

4.1. Amostras

Foram gravados e analisados 5 jogos da equipe Paulínia Futebol Clube categoria sub-13 no Campeonato Paulista 2009, organizado pela Federação Paulista de Futebol com o consentimento do Presidente do clube e da comissão técnica da categoria.

Quadro 2. Data dos jogos coletados

Jogo 1	Jogo 2	Jogo 3	Jogo 4	Jogo 5
1/5/2009	24/5/2009	21/6/2009	2/8/2009	6/9/2009

4.2. Gravações

Para a análise da evolução da aprendizagem foi necessária a filmagem dos jogos, pois esta se caracteriza como uma ferramenta importante para a observação de fenômenos complexos onde o registro das atividades em tempo real fica dificultado, a partir da gravação dos jogos é possível analisar cada lance quantas vezes forem necessárias. (LEITÃO,2009). Os jogos foram gravados em DVD a partir da Filmadora Digital Sony Modelo DVD DCR 408 e analisados em uma TV Magnavox 29 polegadas com auxílio de um aparelho de DVD Sony.

4.3. Análise do espaço de jogo

Para analisar a forma e a localização das ações do jogador no terreno de jogo será utilizado o campograma (GARGANTA,1997) adaptado por Leitão (2009).

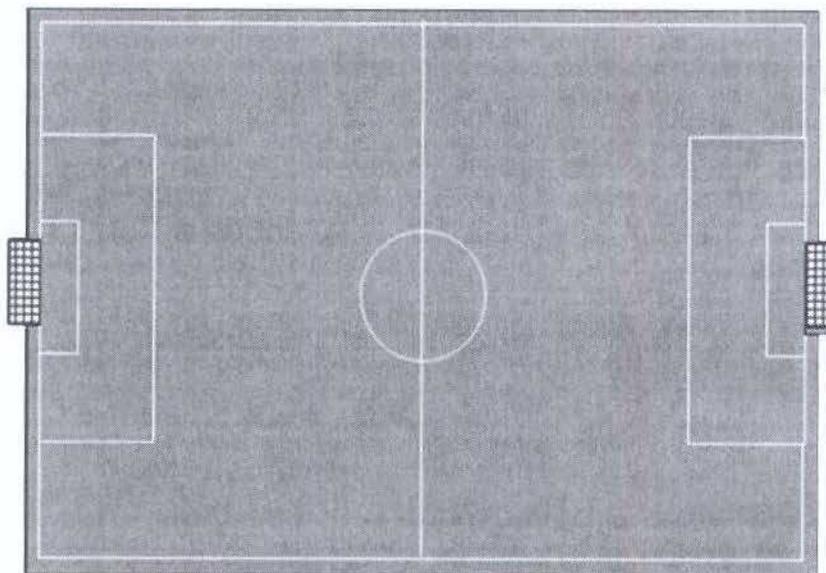


Figura 1 – Campo grama utilizado.

No campograma foram anotados, no local estimado de seu acontecimento, os fundamentos técnicos com bola da equipe analisada. Os fundamentos anotados foram:

Fundamentos defensivos

a) Desarmes – “Forma direta de interrupção da progressão da jogada do adversário quando a bola está de posse do jogador adversário” (LEITÃO, 2004).

b) Interceptações – “Forma de interrupção direta de passes, cruzamentos e/ou lançamentos da equipe adversária” (LEITÃO, 2004).

Fundamentos ofensivos

a) Passes – Incluindo passes, cruzamentos e lançamentos “Esses fundamentos são caracterizados pela transmissão da posse de bola entre dois jogadores da mesma equipe” (LEITÃO, 2009).

b) Finalização – Arremate da bola, certos (em direção ao gol) ou errados (fora da direção do gol).

Após a inserção de todos os fundamentos da equipe, o passo subsequente foi transformar todos esses pontos em pontos únicos referentes ao ponto médio de cada jogador, esse ponto foi chamado de “média das ações técnicas com bola de cada jogador”, que foi estimado a partir da média dos pontos nos eixos “x” e “y”, tais informações foram extraídas do sistema ScoutOnline, da empresa MatchReport Tecnologia Esportiva, sistema desenvolvido sob supervisão da FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo), caracterizado como um projeto de inovação metodológica e tecnológica, sob o número

do processo 2004/14199-4. Os conceitos e metodologia fazem parte do núcleo de pesquisa da empresa.

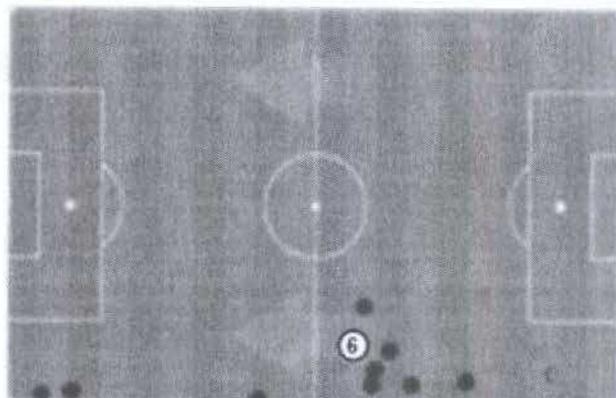


Figura 2 – Ponto de ocorrência dos fundamentos de um jogador e o ponto médio das suas ações.

4.4. Método

Esta pesquisa teve como base uma abordagem qualitativa, já que se trata de avaliações descritivas e interpretativas dos dados, onde as análises foram feitas a partir da interpretação dos conteúdos, tendo como base procedimentos adequados para tal (THOMAS; NELSON, 2007). Foi analisado o nível de jogo dos jovens atletas conforme Garganta (1994) e as variáveis observadas foram: a “comunicação na ação” (comunicação verbal e não verbal entre os jogadores da mesma equipe e contra-comunicação com a equipe adversária), “estruturação do espaço” (ocupação efetiva dos jogadores no campo de jogo, verificada através da média ponderada das ações com bola de cada um dos integrantes da equipe) e a “relação com a bola” (relação do indivíduo com a bola a fim de resolver problemas impostos pelo jogo), será utilizado como parâmetro para análise o quadro 3:

Fases	Comunicação na ação	Estruturação do espaço	Relação com a bola
Jogo Anárquico - Centração na bola - Subfunções - Problemas da compreensão do jogo	- Abuso da verbalização, sobretudo para pedir a bola	- Aglutinação em torna da bola e subfunções.	- Elevada utilização da visão central
Descentração - A função não depende apenas da posição da bola	- Prevalência da verbalização	- Ocupação do espaço em função dos elementos do jogo	- Da visão central para a periférica
Estruturação - Conscientização da coordenação das funções	- Verbalização e comunicação gestual	- ocupação racional do espaço (tática individual e do grupo)	- Do controle visual para o proprioceptivo
Elaboração - Ações inseridas na estratégia da equipe	- Prevalência na comunicação motora	- Polivalência funcional. Coordenação das ações (tática coletiva)	- Otimização das capacidades proprioceptivas

Fonte: Garganta (1994)

Além do nível do jogo, foram analisados os “princípios operacionais de defesa e ataque” da equipe. Segundo Bayer (1994), os JDC possuem princípios comuns e idênticos que regem a ação dos atletas em momento de ataque e de defesa. Esses princípios devem ser idênticos para todos os jogadores de uma mesma equipe a fim de possibilitar uma compreensão mútua dos mesmos em situações complexas e aleatórias de jogo. E estes não são fatores de mecanização e repressão dos atletas mas sim balizadores de suas ações onde cada princípio da equipe deve ter um significado para o jogador que a partir desse referencial “deve compreender e antecipar as situações que se desenrolam, para agir de maneira vantajosa durante situações nas quais se encontra implicado.”(BAYER,1994). Os princípios operacionais são descritos pelo mesmo autor em 3 de ataque e 3 de defesa que se contrapõem conforme Quadro 1.

5 Resultados e discussão

5.1 FILMAGEM 1 – 01/05/2009

5.1.1 Fases de desenvolvimento do jogo

Segundo Leitão (2009) a plataforma tática é uma referência posicional da equipe e colabora para a ocupação do espaço de jogo, porém muitas vezes para solucionar os problemas emergentes as ações podem não corresponder à manutenção da mesma. Há de se destacar ainda que a plataforma tática como afirma Leitão (2009) não é a única referência de ocupação espacial da equipe. Porém segundo o mesmo autor esta se configura como uma das referências primárias para se jogar futebol e se manifesta com maior ou menor intensidade de acordo com a forma com que a equipe se relaciona com ela. No presente estudo verificamos se a plataforma tática era uma referência posicional da equipe e se a mesma norteava o posicionamento efetivo de todos os jogadores da equipe.

Nos jogos analisados foi verificado que a plataforma tática representava sim, uma referência de ocupação de espaço. A plataforma tática utilizada foi o 1-4-4-2 onde o goleiro é representado pelo nº 1, os dois zagueiros são os nº 3 e 4 os laterais direito e esquerdo são os nº 2 e 6 respectivamente, os volantes são os nº 5 e 8, os dois meias são os nº 7 e 10 e os dois atacantes são os nº 9 e 11. Conforme figura 3:

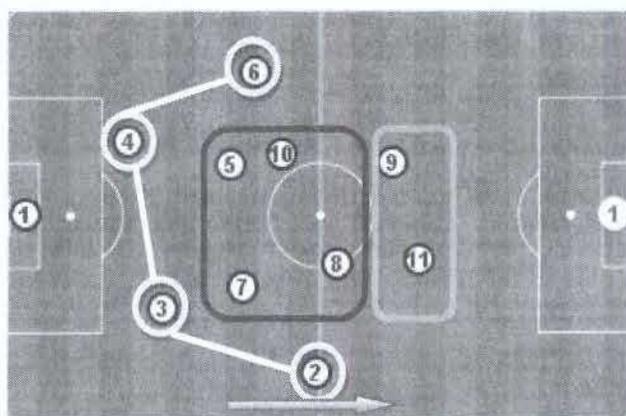


Figura 3: Posicionamento efetivo da equipe no primeiro jogo. Os jogadores demarcados com a cor branca fazem parte da defesa, em vermelho do meio e em amarelo do ataque. (Seta mostra o sentido do ataque).

Nesse jogo podemos verificar que a equipe tem como balizador de sua ocupação espacial a plataforma tática e os jogadores ocupam o campo de jogo de forma racional. Existe uma coordenação de funções onde cada jogador tem seu posicionamento e respeita e se relaciona com o posicionamento dos demais. Por isso, a equipe no aspecto “estruturação do espaço” segundo tabela de Garganta (1994) pode ser classificada na fase de jogo “estruturação” onde segundo o mesmo autor há a “conscientização da coordenação das funções” fato verificado através da análise do jogo.

Nesse primeiro jogo no quesito “comunicação na ação” podemos verificar que os jogadores da equipe utilizavam predominantemente a comunicação verbal e gestual entre si conforme pode ser notado na figura 4 que ilustra bem esse comportamento durante a partida.



Figura 4: Jogador da equipe analisada realiza comunicação gestual com os companheiros de equipe.

Na figura 4 podemos notar que o jogador da equipe analisada (Azul e amarelo) realiza uma comunicação gestual com a equipe e através da análise do vídeo podemos notar que além da comunicação gestual houve uma comunicação verbal também. Essa forma de comunicação (verbal e gestual) é característica da fase de jogo de “Estruturação” segundo tabela de Garganta (1994), sendo assim podemos afirmar que neste jogo a equipe está nesta fase no quesito “comunicação na ação”.

Na “relação com a bola” notamos que os jogadores da equipe se encontram na fase de jogo de “descentração” conforme tabela de Garganta (1994), pois os jogadores usam predominantemente a visão central e periférica sobre a bola nos momentos em que eles estavam em contato com a mesma.



Figura 5: Jogador da equipe analisada portador da bola mantém o controle da mesma utilizando a visão central e periférica.

Podemos notar na figura 5 a utilização da visão central e periférica. O jogador que está em posse da bola mantém a cabeça voltada para baixo para que haja o contato visual com a mesma. Neste jogo a equipe teve um aproveitamento de passes de 76,3%, esse número é bem próximo do aproveitamento da equipe Campeã Brasileira de 2008 que obteve em média 79,5% de aproveitamento em seus passes ao longo do campeonato.

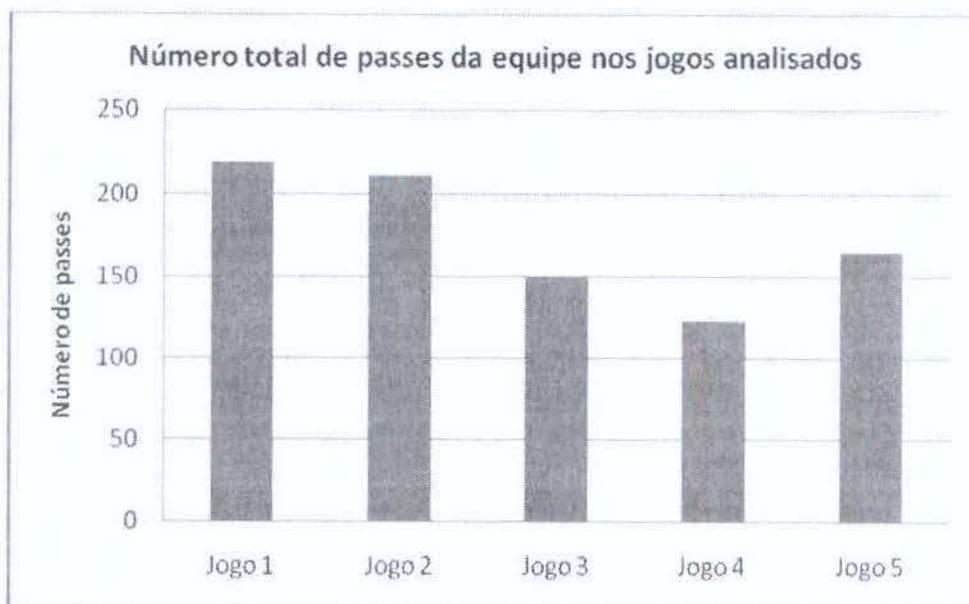
Nesse primeiro jogo analisado a equipe parece estar em um momento de evolução da fase de “descentração” para a fase de “estruturação”. Nos quesitos “estruturação do espaço” e “comunicação na ação” a equipe tem comportamentos que a enquadram na fase de “estruturação” do jogo, já no quesito “relação com a bola” a equipe se enquadra na fase de “descentração”.

5.1.2 Princípios Operacionais

Para a definição dos princípios operacionais da equipe foi realizada a análise das regras de ações dos jogadores nos momentos de ataque e de defesa.

Nos momentos de ataque foi verificado que a equipe tinha como regra de ação individual “manter o controle da bola” e coletivamente realizava desmarcações, trocas de posição e chamavam a bola para si a fim de conservarem a sua posse. Sendo assim podemos inferir que o princípio operacional predominante da equipe nos momentos de ataque foi o princípio operacional de “conservação da posse de bola”(BAYER,1994). No gráfico 1 podemos notar que neste jogo a equipe realizou o maior número de passes certos em relação aos demais jogos analisados.

Gráfico 1. Número total de passes da equipe nos jogos analisados.



Podemos verificar ainda que desse total de passes a maior parte deles foram realizados no campo de defesa da equipe demonstrando assim que a equipe buscava predominantemente manter a posse de bola nos momentos de ataque.

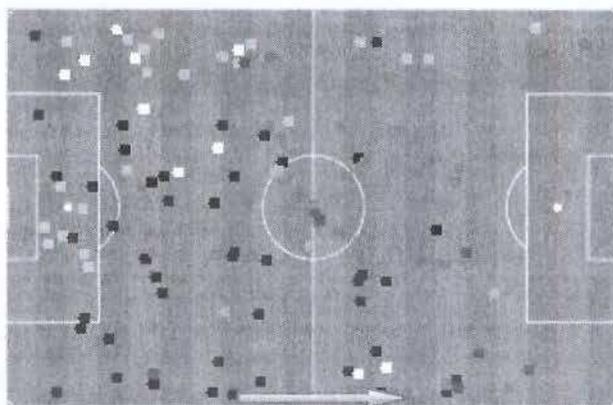


Figura 6: Distribuição de passes certos no campo de jogo. Cada cor representa um jogador. (A seta mostra o sentido do ataque)

Nos momentos de defesa a equipe tinha como regra de ação individual “marcar o adversário não portador da bola para impedir os passes” e “impedir a progressão nos espaços livres do portador da bola”. A figura 7 ilustra os comportamentos predominantes adotados pela equipe nos momentos de defesa.



Figura 7: Jogadores da equipe analisada impedem a progressão da equipe adversária.

Na figura 7 podemos notar que há um jogador da equipe de Paulínia (azul e amarelo) tentando impedir a progressão do adversário portador da bola (branco) nos espaços livres do campo e os outros jogadores estão marcando os não portadores da bola a fim de impedir os passes e conseqüentemente a progressão da equipe adversária no campo de jogo. Através desta análise das regras de ação da equipe podemos inferir que o princípio operacional de defesa da equipe é “perturbar a progressão do adversário”.

5.2 FILMAGEM 2 – 25/05/2009

5.2.1 Fases de desenvolvimento do jogo

Neste jogo a equipe apresentou aparentemente uma plataforma tática 1-4-4-2 com o desenho de um quadrado no meio campo (com 2 volantes e 2 meias). O goleiro é representado pelo nº 1, os dois zagueiros são os nº 3 e 4 os laterais direito e esquerdo são os nº 2 e 6 respectivamente, os volantes são os nº 5 e 8, os dois meias são os nº 7 e 10 e os dois atacantes são os nº 11 e 9. Conforme figura 8:

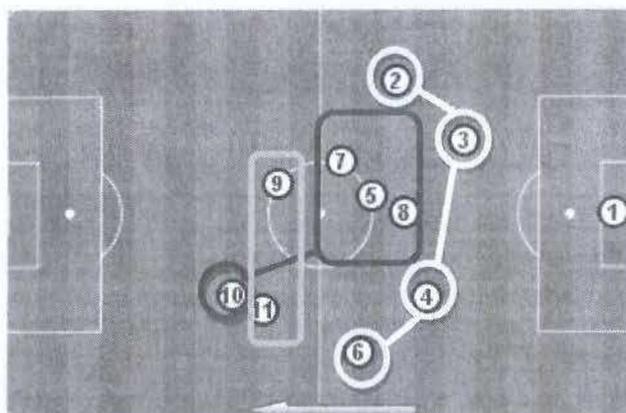


Figura 8: Posicionamento efetivo no segundo jogo. (Seta mostra o sentido do ataque)

Os atletas obedeciam posições específicas e na maior parte do tempo se comportavam a fim de ocupar um espaço específico. O atleta nº 6 tinha a função aparente de lateral esquerdo e todas as suas ações com bola condiziam com sua ação no campo como mostra a figura 9.

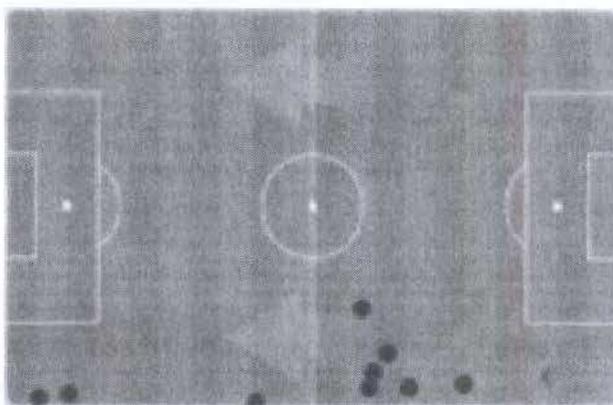


Figura 9: Ações com bola do jogador nº 6 da equipe analisada. Os pontos vermelhos são ações defensivas e os pontos azuis são ações ofensivas. (As setas mostram o sentido do ataque)

Através desses dados podemos inferir que a plataforma tática aparentemente é uma referência de ocupação de espaço da equipe no campo de jogo. E através da observação do jogo é notório que os atletas estruturam o espaço de jogo em função dos elementos do jogo o que caracteriza um jogo “descentrado” conforme tabela de Garganta (1994) no aspecto estruturação do espaço.

Neste jogo os atletas utilizaram a comunicação verbal e gestual com seus companheiros de equipe. A figura 10 evidencia essa comunicação onde um jogador está realizando essas duas formas de comunicação a fim de aparentemente coordenar uma marcação mais avançada.



Figura 10: Jogador da equipe analisada (Branco) realiza comunicação gestual com os companheiros de equipe.

Na figura 10 fica evidente a comunicação gestual, onde o atleta gesticula com o braço direito e projeta sua cabeça para trás para falar com sua equipe. Essa forma de comunicação se repete durante o jogo e caracteriza a “comunicação na ação” como verbal e gestual o que é característica da fase de “estruturação” do jogo no que remete a este aspecto. (GARGANTA, 1994).

O terceiro aspecto para a análise da fase de jogo é a “relação com bola”. Neste jogo os atletas utilizaram a visão central e periférica voltada para a bola nos momentos onde estes estavam em contato com a mesma. A figura 11 mostra que a cabeça do atleta está inclinada para baixo a fim de haver um contato visual periférico com a bola no momento da realização do passe.



Figura 11: Jogador da equipe analisada (Branco) mantém o controle da bola utilizando a visão periférica sobre a mesma.

Neste jogo o aproveitamento dos passes da equipe de Paulínia foi de 69,6%, o aproveitamento dos lançamentos foi de 14,2% e não houve êxito em nenhum cruzamento, esses dois últimos fundamentos requerem maior precisão, pois são caracterizados como passes longos onde a bola deve percorrer uma grande distância no campo de jogo. Através da análise do jogo podemos inferir que a “relação com bola” dos atletas é caracterizada pela visão central e periférica o que caracteriza a fase de jogo de “descentração”.

Podemos notar nesse jogo que a equipe está em um momento de transição da fase de jogo “Descentração” para a fase de jogo “Estruturação”. Nos três quesitos avaliados a equipe se mostrou estar na “relação com bola” e na “estruturação do espaço” em uma fase de Descentração do jogo, já no quesito “comunicação na ação” a equipe se encontra na fase de “Estruturação” do jogo. Esses 3 quesitos do jogo se influenciam mutuamente logo a evolução de um influência na evolução nos demais mas o processo deve ser bem orientado para que isso ocorra de forma gradual e constante.

5.2.2 Princípios Operacionais

Através da análise do jogo foi verificado que a equipe tinha como regra de ação individual no momento ofensivo manter a posse de bola e coletivamente realizava desmarcações, trocas de posição (realizada principalmente pelos meias e volantes da equipe) e chamavam a bola para si a fim de conservarem a sua posse. A figura 12 mostra que o maior número de passes da equipe foi realizado no campo de defesa, explicitando assim que a preocupação maior da equipe era manter a posse de bola e tinha uma preocupação menor em progredir ao alvo e finalizar a jogada.

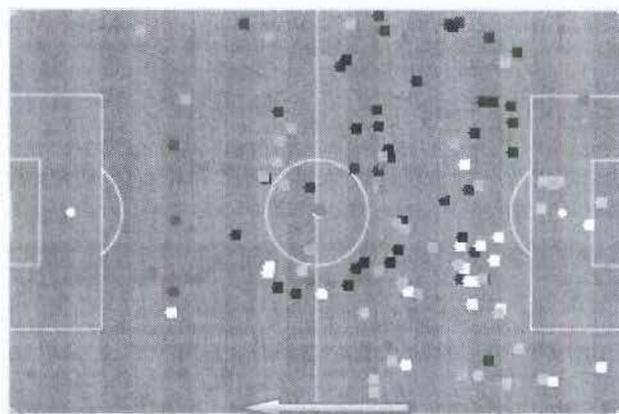


Figura 12: Distribuição de passes certos no campo de jogo. Cada cor representa um jogador. (A seta mostra o sentido do ataque)

Neste jogo o princípio operacional que balizava o comportamento da equipe era o de conservação da posse de bola. Pode-se notar ainda que esse princípio era comum a todos os jogadores da equipe. Devemos ressaltar que esse princípio foi predominante no jogo mas aconteceram jogadas onde a equipe utilizou outro princípio, segundo Bayer (1994) os princípios não são fatores de mecanização e repressão dos atletas mas sim balizadores de suas ações onde cada princípio da equipe deve ter um significado para o jogador.

A equipe nos momentos defensivos tinha como regra de ação individual agir sobre o portador da bola a fim de dificultar sua progressão no campo de jogo, coletivamente a equipe marcava os jogadores adversários a fim de impedir passes em progressão da equipe. Na figura 13 pode ser notado a regra de ação individual e coletiva da equipe. O jogador que tem a bola da equipe verde é pressionado pelo jogador da equipe branca a fim de não progredir ao campo de ataque e os demais jogadores da equipe branca dificultam a criação de linhas de passe em progressão da equipe adversária.



Figura 13: Jogadores da equipe analisada (Branco) impedem a progressão da equipe adversária (Verde). (Equipe verde ataca para o lado direito da figura, sentido da seta).

Predominantemente o princípio operacional utilizado foi o de impedir a progressão da equipe adversária, entretanto foi notado que em alguns momentos a equipe adotava outros princípios. Em algumas jogadas houve conflitos de regras de ação de jogadores da mesma equipe, enquanto um buscava impedir a progressão da equipe adversária outros jogadores buscavam recuperar a posse de bola, isso pode ser notado pois como já foi dito esta equipe estava em um processo de formação e o nível de jogo dos mesmos não se encontrava em uma fase elaborada.

5.3 FILMAGEM 3 – 21/06/2009

5.3.1 Fases de desenvolvimento do jogo

No terceiro jogo a equipe modificou a plataforma tática do 1-4-4-2 para o 1-3-5-2. O goleiro é representado pelo nº 1, os três zagueiros são os nº 3, 4 e 5, os alas direito e esquerdo são os nº 2 e 6 respectivamente, os volantes são os nº 8 e 7, o meia é o nº 10 e os dois atacantes são os nº 11 e 9. Conforme figura 14:

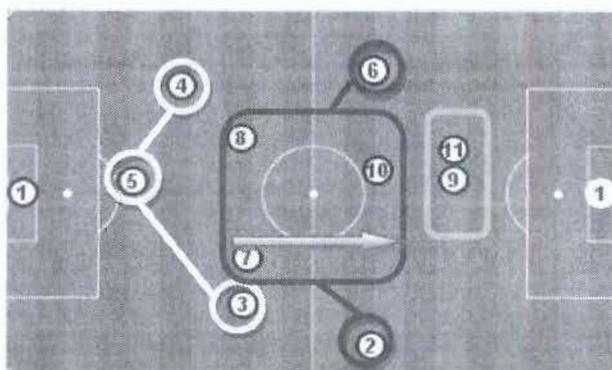


Figura 14: Posicionamento efetivo no terceiro jogo. (Seta mostra o sentido do ataque)

Como se trata de uma equipe da categoria de base essa mudança na plataforma de jogo é importante para o aprendizado dos atletas, pois os mesmos devem vivenciar diversas plataformas e posições no campo de jogo. Notamos que mesmo com a alteração da plataforma de jogo a mesma permanece sendo uma forte referência de ocupação de espaço da equipe. Notamos ainda que essa modificação na plataforma foi realizada de forma adequada, pois os jogadores aparentemente não tiveram problemas nesse jogo para ocupar o espaço do mesmo de forma condizente com a plataforma estabelecida. Os jogadores da equipe conseguiram ocupar o espaço de jogo de forma racional, sendo assim segundo as fases de jogo de Garganta (1994) o jogo da equipe passou da fase de “descentração” para a fase de “estruturação” onde há “a conscientização da coordenação das funções e há uma ocupação racional do espaço (tática individual e do grupo)”, apresentando assim uma evolução no quesito estruturação do espaço de jogo. Como já foi mencionada essa evolução é fundamental na formação dos jovens atletas.

Neste jogo os atletas utilizaram de forma predominante a comunicação verbal e gestual. Na figura 15 evidencia o comportamento dos jogadores da equipe analisada em relação à “comunicação na ação”.



Figura 15: Jogador da equipe analisada realiza comunicação gestual com os companheiros de equipe.

Podemos notar que o jogador nº11 (jogador mais à direita da figura) realiza uma comunicação gestual e verbal, onde o atleta gesticula com o braço direito e projeta sua cabeça para trás para falar com sua equipe. Esse comportamento foi recorrente nesse jogo e podemos caracterizar a “comunicação na ação” como verbal e gestual o que é característica da fase de “estruturação” do jogo no que remete a este aspecto. (GARGANTA,1994) Nesse quesito não houve evolução em relação aos jogos anteriores.

No aspecto “relação com bola” notamos que os atletas continuavam utilizando a visão central e periférica sobre a bola nos momentos onde estes estavam em contato com a mesma. Na figura 16 podemos verificar que a cabeça do atleta está inclinada para baixo a fim de haver um contato visual com a bola no momento da realização da condução.



Figura 16: Jogador mantém o controle da bola utilizando a visão central sobre a mesma.

Neste jogo o aproveitamento de passes da equipe caiu de 69,7% para 62% em relação ao jogo anterior, porém o aproveitamento dos lançamentos subiu de 14,2% para 33,3% e o de cruzamento subiu de 0% de aproveitamento para 20%, notamos assim que houve uma queda no aproveitamento dos passes totais mas houve uma melhora nos lançamentos e cruzamentos, como se trata de uma categoria de formação o aproveitamento total dos passes deveria ter uma curva ascendente de melhora, porém isso não foi notado e como o jogo é uma ambiente complexo onde inúmeros fatores interferem no resultado não podemos afirmar pontualmente sobre os porquês da queda do aproveitamento. Através da análise do jogo podemos inferir que a “relação com bola” dos atletas continuou sendo caracterizada pela visão central e periférica o que os enquadra na fase de jogo de “descentração”.

Podemos notar nesse jogo que a equipe, como no jogo anterior, ainda está em um momento de transição da fase de jogo “Descentração” para a fase de jogo “Estruturação”. Nesse jogo notamos ainda que no quesito “estruturação do espaço” a equipe evolui da fase de “Descentração” para a fase de “Estruturação” já no quesito “relação com a bola” houve uma queda no aproveitamento do fundamento passe que é o de maior incidência

no jogo apontando para uma queda no desempenho dos jogadores na relação com a bola e não houve uma evolução na fase de jogo nesse quesito. Nos três quesitos avaliados a equipe se mostrou estar na “relação com bola” ainda na fase de “Descentração” do jogo, já no quesito “comunicação na ação” e “estruturação do espaço” a equipe se encontra na fase de “Estruturação” do jogo.

5.3.2 Princípios Operacionais

Através da análise das regras de ação dos jogadores podemos afirmar que o princípio operacional que norteava as ações de ataque nesse jogo foi predominantemente, o princípio de “progressão para a baliza adversária” (BAYER,1994). Individualmente os jogadores buscavam levar a bola em direção ao gol adversário e tinham como intenções táticas individuais buscar o confronto direto a fim de driblar o adversário para progredir no campo de jogo e a corrida direta para o espaço livre em direção ao gol. As figuras 17 e 18 ilustram essas intenções táticas predominante nesse jogo.



Figura 17: Jogador busca o drible para progredir no campo de jogo em direção ao gol.

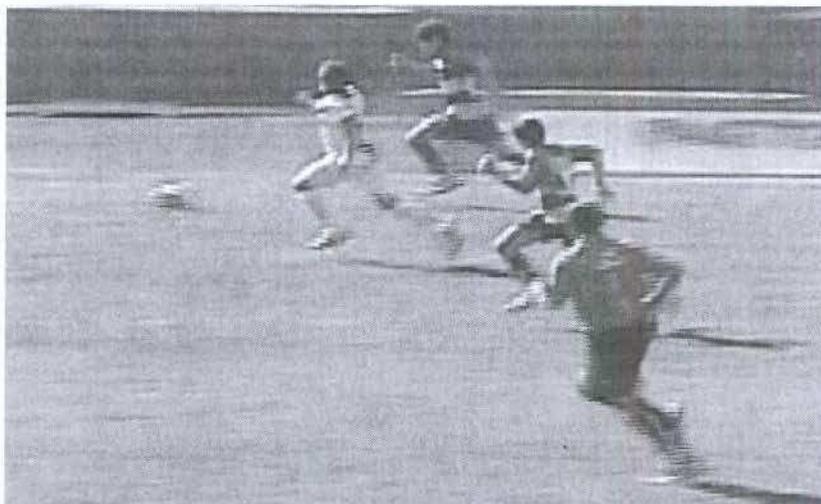


Figura 18: Jogador portador da bola utiliza a corrida direta para progredir no campo de jogo em direção ao gol.

O princípio operacional de progressão para a baliza adversária não foi o predominante em nenhum dos jogos anteriores, mas mesmo assim os jogadores na maior parte do jogo tinham as mesmas regras de ação e o princípio era cumprido de forma satisfatória. Como já foi dito é de suma importância submeter os jovens atletas a diferentes estímulos. Além disso é preciso desenvolver situações problemas nos treinos para que nos jogos os comportamentos desejados apareçam. Aparentemente o processo de ensino foi feito de forma adequada e mesmo com a mudança do princípio operacional a equipe como um todo compartilhava as mesmas regras de ação.

Na defesa a equipe manteve o princípio operacional de impedir a progressão da equipe adversária como predominante. Notamos que na defesa a equipe manteve as mesmas regras de ação verificadas nos jogos anteriores. Sendo assim a regra de ação individual da equipe era agir sobre o portador da bola a fim de dificultar sua progressão no campo de jogo e coletivamente a equipe marcava os jogadores adversários a fim de impedir passes em progressão da equipe. Na figura 19 podemos verificar a regra de ação individual da equipe.



Figura 19: Jogador agindo sobre o portador da bola a fim de dificultar a progressão do mesmo no campo de jogo.

Nessa figura 19 podemos indicar ainda que os jogadores não estão cumprindo totalmente o princípio balizador de suas ações, pois há a ação sobre o portador da bola da equipe adversária porém coletivamente a equipe não está marcando os jogadores adversários nem impedindo que potenciais passes sejam realizados em progressão. Isso pode ser notado na imagem onde existe um grande espaço vazio no centro da imagem e um jogador adversário desmarcado (jogador no canto superior esquerdo da figura) que pode eventualmente aproveitar esse espaço. Como podemos notar a equipe está em formação e o processo deve ser respeitado e bem desenvolvido para que a equipe cada vez mais se comporte de forma inteligente para resolver os problemas do jogo respeitando as referências coletivas construídas.

5.4 FILMAGEM 4 – 02/08/2009

5.4.1 Fases de desenvolvimento do jogo

Neste jogo a equipe manteve a plataforma tática 1-3-5-2 como podemos verificar na figura 20, onde o goleiro é representado pelo nº 1, os três zagueiros são os nº 3, 4 e 5, os alas direito e esquerdo são os nº 2 e 6 respectivamente, os volantes são os nº 8 e 7, o meia é o nº 10 e os dois atacantes são os nº 11 e 9:

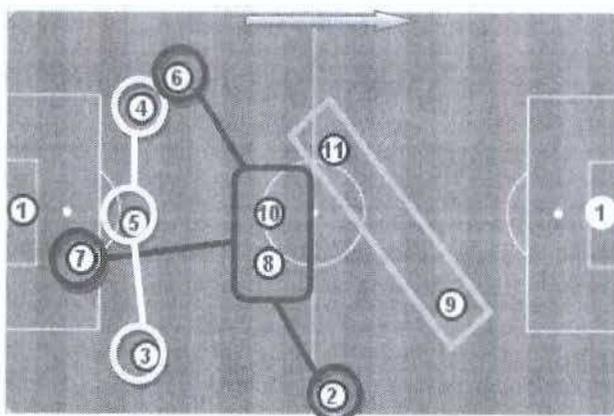


Figura 20: Posicionamento efetivo no terceiro jogo. (Seta mostra o sentido do ataque)

A equipe manteve a plataforma tática observada no jogo anterior analisado mas não ocupou o espaço de jogo de forma racional como no anterior. Neste jogo a equipe se comportou em função dos elementos do mesmo, o que segundo tabela de Garganta (1994) é característica da fase de jogo de “descentração” sendo assim a equipe regrediu no quesito “estruturação do espaço”. Esse fato pode ter ocorrido por diversas causas mas dentro da categoria de base é preciso que haja um processo estruturado a fim de que haja uma evolução constante dos atletas.

No quesito comunicação na ação foi verificado que os jogadores da equipe continuaram utilizando a comunicação verbal e gestual, como podemos notar na figura 21:



Figura 21: Jogador da equipe analisada comunicação gestual os companheiros de equipe.

Na figura 21 podemos notar a comunicação gestual do jogador (jogador no canto inferior esquerdo da figura), notamos que o jogador levanta um dos braços para chamar a atenção do portador da bola e além disso ele realiza uma comunicação verbal (verificada através da análise do vídeo). Sendo assim seguindo a tabela de Garganta (1994) podemos inferir que a equipe se encontra na fase de jogo de “estruturação”.

No quesito relação com a bola a equipe permaneceu utilizando “da visão central para a periférica” como podemos verificar na figura 22, onde o jogador da equipe analisada (equipe azul), mantém a cabeça voltada para baixo para que haja um contato visual com a bola:



Figura 22: Jogador mantém o controle da bola utilizando a visão periférica sobre a mesma.

Através da análise do jogo podemos inferir que a equipe permanece na fase de jogo de “descentração” no quesito “relação com a bola”.

Neste jogo a equipe teve um aproveitamento de 61% dos passes, 8,3% dos lançamentos e 33,3% dos cruzamentos, números parecidos com os encontrados no jogo anterior mostrando assim que não houve melhora significativa na relação com a bola dos jogadores analisados.

Neste jogo a equipe apresentou nos quesitos “estruturação do espaço”, “comunicação na ação” características da fase de jogo de “descentração”. No quesito “relação com a bola” a equipe apresentou características da fase de jogo de “estruturação”. A partir desses dados podemos observar como nos jogos anteriores que a equipes está em um momento entre as fases de jogo de “descentração” e “estruturação”. Entretanto não podemos afirmar através da análise dos dados que está ocorrendo uma evolução sistemáticas nos parâmetros avaliados.

5.4.2 Princípios Operacionais

Através da análise das regras de ação dos jogadores podemos afirmar que o princípio operacional de ataque predominante foi o “princípio operacional de conservação da bola”. As regras de ação predominantes verificadas foram “manter o controle da bola” e “troca com os parceiros”, ou seja a equipe se comportava a fim de manter o controle da bola, realizando

trocas de posições, desmarcações para que o portador da bola tivesse opções de passe a fim de a equipe manter a posse da mesma.

Na figura 23 podemos verificar a localização dos passes certos da equipe:

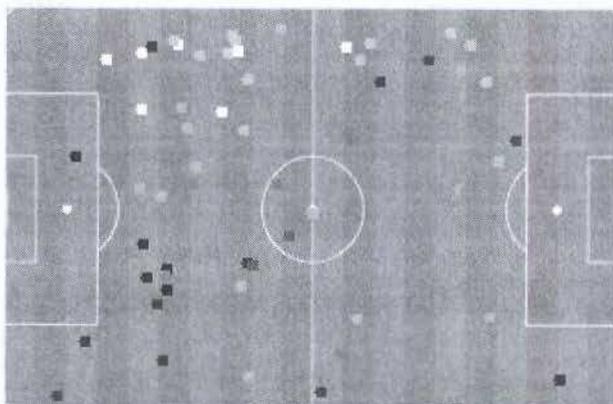


Figura 23: Ponto da realização dos fundamentos passe no campo no quarto jogo.

Na figura 23 podemos verificar que a maior parte dos passes foram realizados no campo de defesa fato que corrobora com o princípio utilizado e ilustra que a equipe se comportava não a fim de progredir no campo de jogo ou em finalizar a jogada mas sim em manter a posse da bola nos momentos de ataque.

Na figura 24 podemos observar as regras de ação predominantes da equipe:

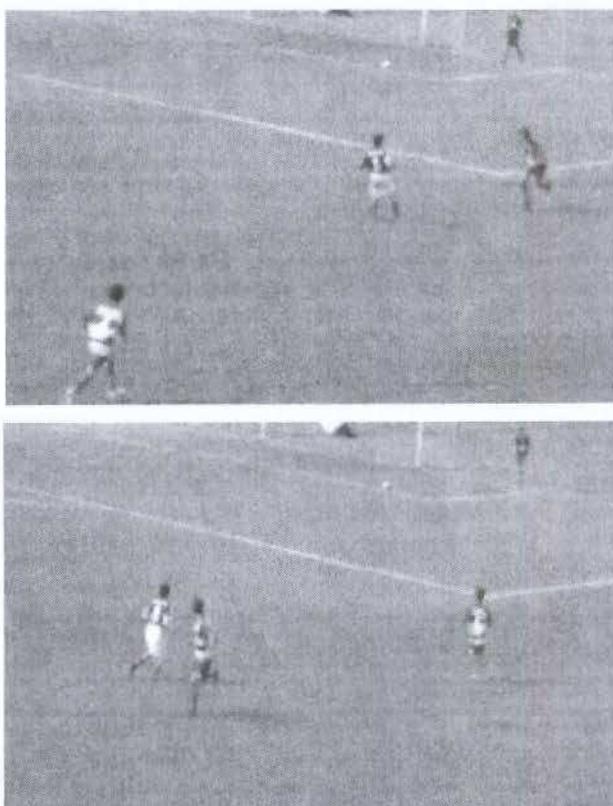


Figura 24: Regra de ação da equipe.

Na figura 24 podemos observar uma troca de posição a fim de possibilitar a criação de uma linha de passe com o intuito de manter a posse de bola, esse fato foi recorrente e corrobora com a regra de ação da equipe.

Pudemos observar ainda que no jogo a equipe teve dificuldade em cumprir esse princípio operacional pois a equipe adversária buscava recuperar a bola o mais rápido possível e a equipe analisada não conseguia realizar de forma adequada as desmarcações e trocas de posições para criar linhas de passe. Em alguns momentos do jogo o comportamento dos jogadores era norteado por outras regras de ação para a resolução dos problemas porém esse comportamento não era coletivo e em um mesmo lance os jogadores apresentavam regras de ação diferentes, como podemos notar na figura 25 onde houve a troca de posição e a desmarcação dos jogadores não portadores da bola (figura 24) e mesmo assim o goleiro fez o lançamento para o campo de ataque:



Figura 25: Lançamento do goleiro

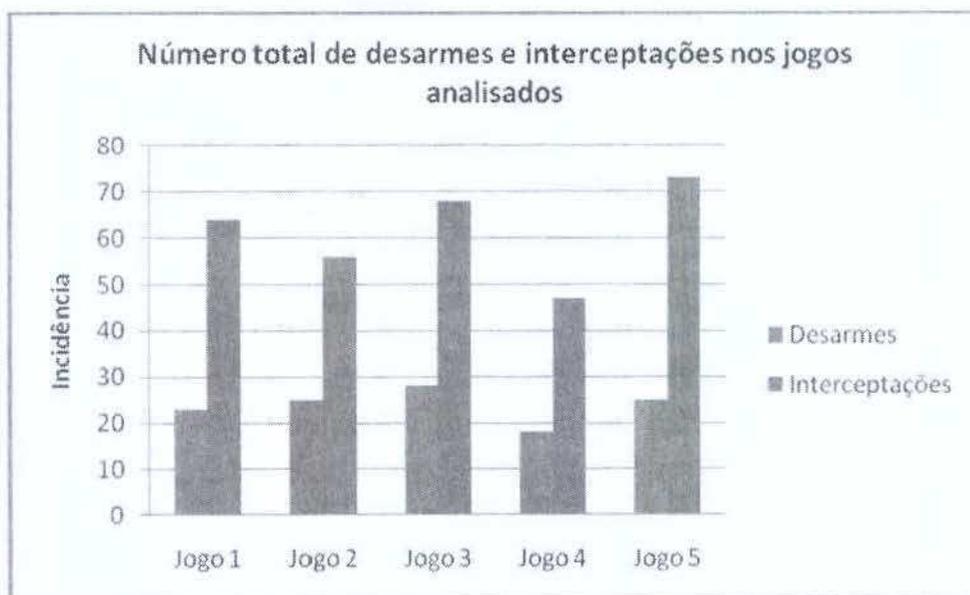
Nos momentos defensivos a equipe teve como regras de ação predominante “travar, fazer recuar o adversário: marcação do adversário não portador da bola para impedir os passes, atividade para impedir a progressão nos espaços livres do portador da bola” (BAYER, 1994) por isso podemos afirmar que o princípio operacional da equipe do o “princípio operacional: perturbar a progressão do adversário na defesa”.



Figura 26: Regra de ação

Na figura 26 podemos observar que há a marcação dos adversários não portadores da bola mas não há a pressão sobre o jogador portador da mesma, esse fato se repetiu durante todo o jogo e a equipe teve dificuldade em impedir a progressão do adversário pois as regras de ação não regiam o comportamento de todos os jogadores simultaneamente e o comportamento coletivo ficou prejudicado. No gráfico 2 podemos observar que neste jogo houve uma queda no número de intercepções e de desarmes:

Gráfico 2: Número total de desarmes e intercepções nos jogos analisados



Esse fato pode ser observado pois em muitos momentos defensivos do jogo não havia um princípio comum que orientava a ação coletiva dos jogadores e por isso a equipe teve dificuldade em impedir a progressão do adversário e recuperar a posse de bola.

5.5 FILMAGEM 5 – 06/09/2009

5.5.1 Fases de desenvolvimento do jogo

No quinto e último jogo analisado a equipe voltou a utilizar a plataforma tática 1-4-4-2 onde o goleiro é representado pelo nº 1, os dois zagueiros são os nº 3 e 4, os laterais direito e esquerdo são os nº 2 e 6 respectivamente, os volantes são os nº 5 e 7, os dois meias são os nº 8 e 10 e os dois atacantes são os nº 18 e 9. Conforme figura 27:

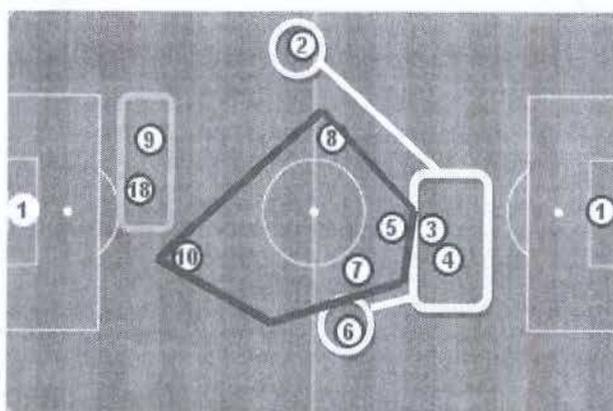


Figura 27: Posicionamento efetivo no terceiro jogo

Neste jogo mesmo utilizando uma plataforma tática já vivenciada pelos atletas, podemos verificar que a equipe não ocupou o espaço de jogo de forma racional mas se comportou em função dos elementos do mesmo, o que segundo tabela de Garganta (1994) é característica da fase de jogo de “descentração”. Sendo assim a equipe permaneceu na mesma fase observada no jogo anterior no quesito “estruturação do espaço”. Nos 5 jogos analisados em apenas 2 (jogo 1 e 3) a equipe apresentou características predominantes da fase de jogo de “estruturação”, logo não houve uma evolução gradual da equipe neste quesito.

Em relação à “comunicação na ação” os jogadores da equipe mantiveram como forma predominante de comunicação a verbalização e a comunicação gestual como podemos notar na figura 28 onde os 2 jogadores realizam a comunicação gestual com a equipe e através da análise do vídeo podemos notar que há a comunicação verbal concomitantemente.

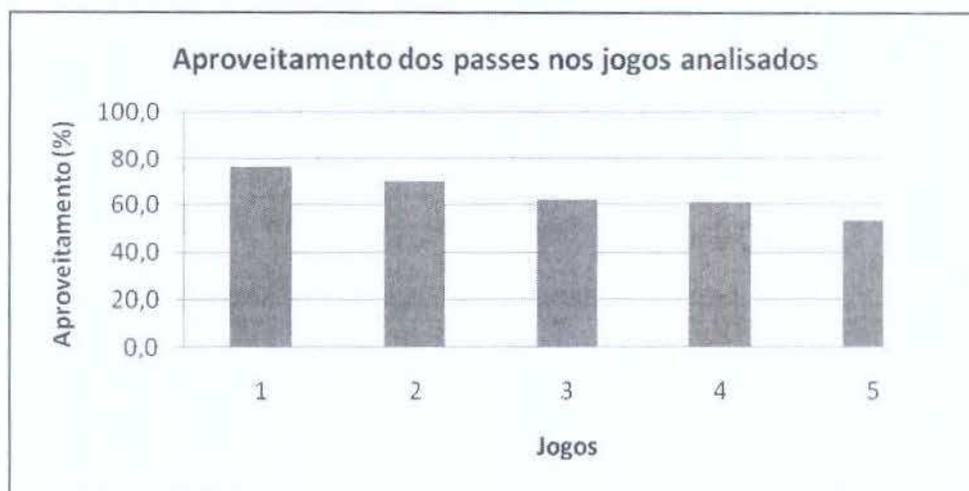


Figura 28: Jogador da equipe analisada comunicação gestual os companheiros de equipe

Essa forma de comunicação foi predominante nos 5 jogos analisados e com isso a equipe permaneceu na fase de jogo de “estruturação” ao longo do processo analisado. Como notamos na “estruturação do espaço” no quesito “comunicação na ação” não houve melhora sistemática na fase de jogo da equipe.

Neste jogo a equipe obteve o menor índice de aproveitamento nos passes, fato que demonstra que não houve melhora significativa na “relação com a bola” dos jogadores.

Gráfico 3: Aproveitamento dos passes nos jogos analisados



Verificamos que houve uma tendência de queda no aproveitamento, conforme gráfico 3, nos passes. Segundo Leitão o passe é o fundamento com bola que sobressai aos demais e representa 65% das ações técnicas com bola no jogo de futebol (excluindo lançamentos e cruzamentos). Em média o aproveitamento de passes das equipes profissionais que participaram do Campeonato Brasileiro de 2009 ficou em torno de 85% (FANTATO, 2009). Na equipe analisada o aproveitamento foi de 76,3% no primeiro jogo e no quinto jogo esse aproveitamento caiu para 53,3%.

A “relação com a bola” dos jogadores segundo tabela de Garganta (1994) está na fase de “descentração” e os jogadores utilizam “da visão central para a periférica” nos momentos onde estes estão em contato com a mesma.

Através da análise da “estruturação do espaço”, “comunicação na ação” e “relação com a bola” podemos inferir que a equipe permanece em um momento de transição entre as fases de “descentração” e “estruturação”. Conforme visto nos jogos anteriores a equipe permaneceu neste estágio ao longo do processo analisado e não foi verificado melhoras significativas em nenhum dos quesitos avaliados.

5.5.2 Princípios Operacionais

No jogo 5 podemos verificar através da análise das regras de ação dos jogadores da equipe que o princípio operacional predominante no ataque foi “progressão para a baliza adversária”. As regras de ação predominantes observadas foram “o deslocamento da bola para a baliza adversária”, individualmente “levar a bola” em direção ao gol adversário e coletivamente “trocas curtas e longas”. A equipe buscava levar a bola através de corridas diretas do portador da mesma para o espaço livre em direção à baliza e os demais jogadores realizavam desmarcações para receber a bola em progressão.

A figura 29 ilustra o comportamento predominante durante o jogo analisado:

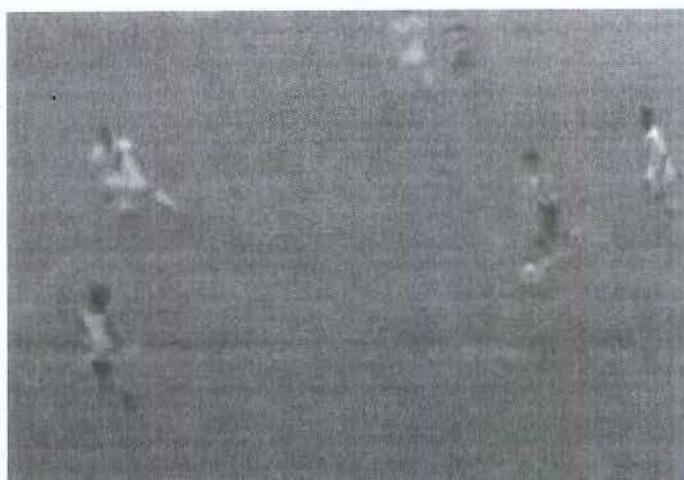


Figura 29: Regra de ação da equipe.

Na figura 29 podemos verificar que o portador da bola realiza uma corrida no espaço vazio em direção à baliza adversária e os jogadores não portadores da bola estão buscando a desmarcação para que haja linhas de passe em progressão.

Nos jogos 3 e 5 como a equipe buscava progredir em direção ao gol adversário houve um número maior de finalizações do que nos jogos onde o princípio operacional predominante era a “conservação da posse de bola”, como pode ser notado no gráfico 4.

Gráfico 4: Número total de finalizações da equipe nos jogos analisados



No momento defensivo a equipe tinha como regras de ação predominantes “travar, fazer recuar o adversário: marcar o adversário não portador da bola para impedir os passes; atividade para impedir a progressão nos espaços livres do portador da bola.”(BAYER, 1994) Sendo assim o princípio operacional predominante na defesa observado neste jogo foi “perturbar a progressão do adversário na defesa”.

Na figura 30 podemos verificar o comportamento predominante da equipe ao longo do jogo analisado.

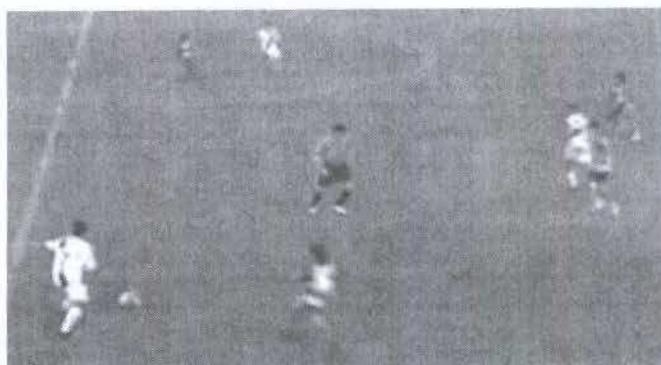


Figura 30: Regra de ação da equipe.

Podemos notar que o jogador mais próximo ao portador da bola age a fim de impedir a progressão do jogador adversário e os demais jogadores da equipe realizam a marcação dos jogadores não portadores da bola para impedir que o passe seja realizado para os jogadores da equipe adversária.

5.6 SINTETIZANDO AS ANÁLISES

A partir da análise dos dados podemos verificar de forma mais clara que a plataforma tática foi uma referência posicional da equipe nos jogos 1 e 3, nos demais jogos o desenho das linhas de marcação não é tão nítido como nesses 2 jogos. Como se trata de uma categoria sub-13 (categoria no início do processo formativo de jovens atletas) esperávamos que a plataforma tática, sendo uma referência primária, se configurasse como uma referência em evolução ao longo do processo. A expectativa era que no jogo 5 a plataforma seria uma referência posicional mais elaborada do que no jogo 1 porém isso ocorreu de forma inversa e podemos observar que no jogo 1 a plataforma foi uma referência mais “forte” para a ocupação do espaço de jogo do que no jogo 5. Nos jogos 1 e 3 a equipe estrutura o espaço de jogo de forma equilibrada e os jogadores ocupam o espaço de jogo de forma racional. Nesses jogos as linhas de defesa, meio campo e ataque são claros e não há, dentro do posicionamento efetivo, a sobreposição de jogadores (fato que indicaria que provavelmente dois jogadores estão realizando a mesma função dentro do jogo). Nos jogos 2, 4 e 5 não há “uma conscientização da coordenação das funções de cada jogador” (GARGANTA, 1994). Podemos notar, a partir do posicionamento efetivo ao longo dos jogos analisados (figura 31), que existem jogadores do meio campo com seu posicionamento na linha de defesa (jogo 4, jogador número 7) ou no ataque (jogo 2, jogador número 10). Além disso os jogadores não ocupam o espaço de jogo de forma equilibrada, se posicionando ao longo de todo o campo de jogo.

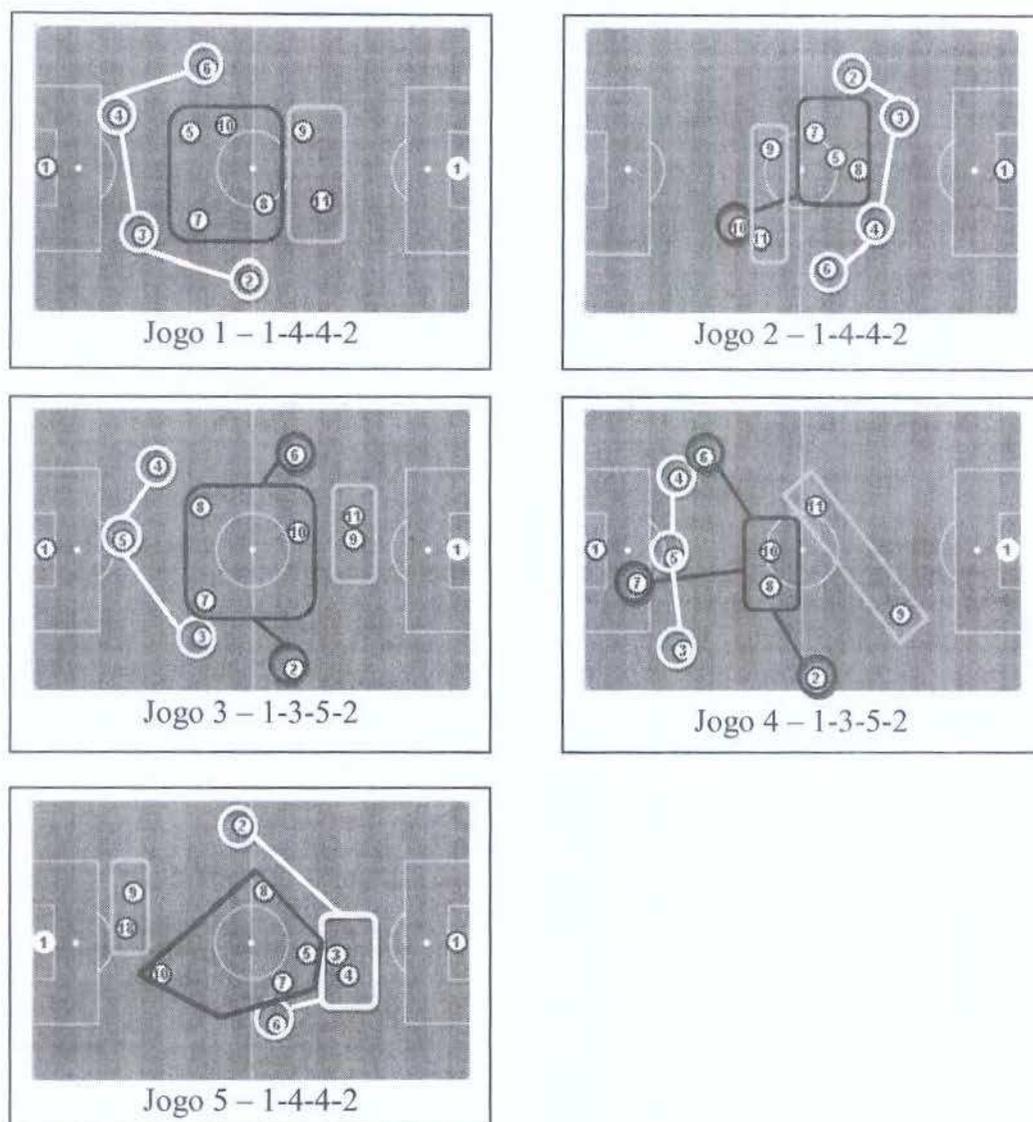


Figura 31: Posicionamento efetivo ao longo dos jogos analisados.

Em relação à “comunicação na ação” os jogadores da equipe analisada tiveram o mesmo comportamento ao longo dos 5 jogos. A forma predominante de comunicação foi a “verbalização e a comunicação gestual”. Na figura 32 podemos verificar a comunicação gestual, fato recorrente ao longo dos jogos. As imagens retratam com fidedignidade esta forma de comunicação muito utilizada pelos jogadores. Através da análise de vídeo notamos ainda que a verbalização foi outra forma recorrente de comunicação entre os jogadores da equipe.

Como foi mencionado anteriormente a categoria sub-13 está no início do processo de formação dos atletas mas mesmo assim esses já se encontram no quesito “comunicação na ação” na fase de “estruturação” que é a fase anterior a fase de “elaboração”. Segundo Garganta (1994) os jogadores devem “caminhar” da “fase anárquica” à “fase de elaboração” que é o nível mais elevado da prestação desportiva. Por isso acreditamos que os

jogadores analisados estão em um momento adequado ao que tange os aspectos relacionados à comunicação na ação.

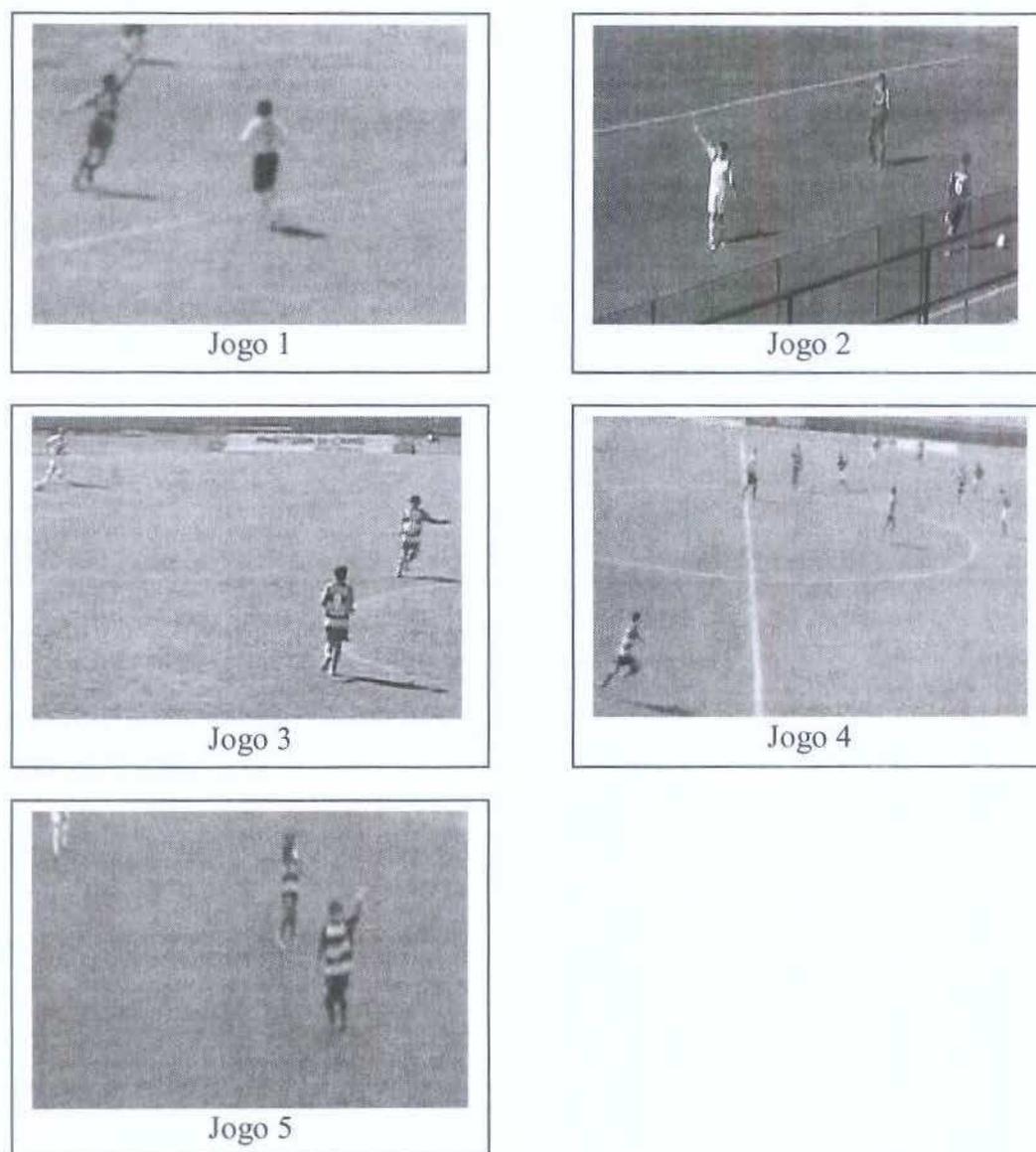


Figura 32: Comunicação gestual dos jogadores da equipe analisada. No jogo 2 a equipe jogou com o uniforme branco, nos demais jogos a equipe utilizou o uniforme azul e amarelo.

No aspecto relação com bola os jogadores apresentaram o mesmo comportamento ao longo dos 5 jogos analisados e utilizaram nos momentos onde estavam em contato com a bola “da visão central para a periférica”. Os jogadores sempre que em contato com a bola voltavam o olhar para a mesma, isso pode ser observado na figura 33 onde as imagens retratam com fidedignidade a postura que os jogadores adotavam para a realização de algum fundamento técnico (cabeça voltada para baixo a fim de manter o contato visual com a bola). Esse fato demonstra que os jogadores não possuem uma capacidade proprioceptiva

desenvolvida para o controle da bola e por isso se encontra na fase de “descentração” no aspecto “relação com bola” segundo tabela de Garganta (1994).

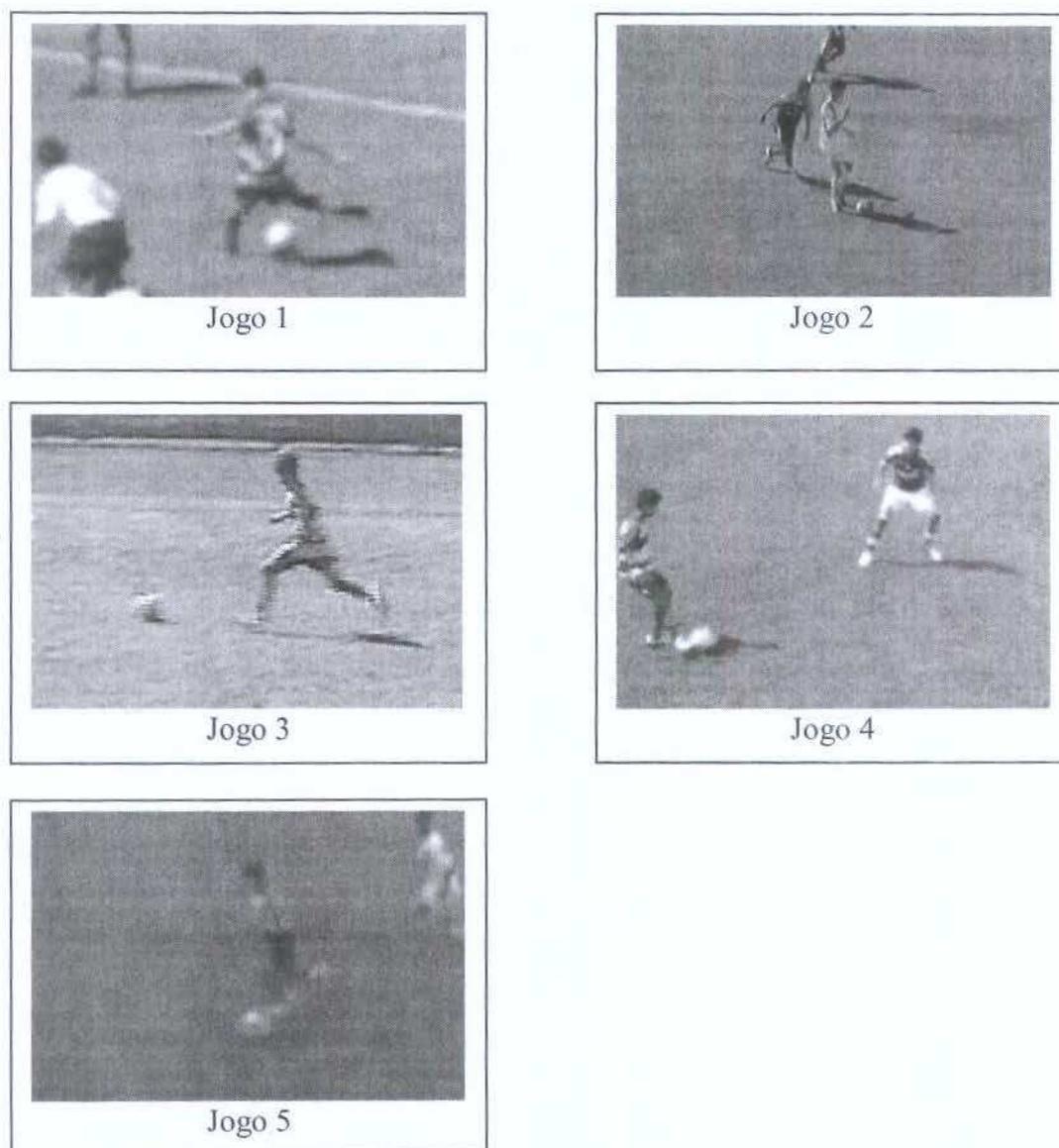


Figura 33: Relação com a bola da equipe analisada. Jogadores mantêm a visão voltada para a bola. No jogo 2 a equipe jogou com o uniforme branco, nos demais jogos a equipe utilizou o uniforme azul e amarelo.

O aproveitamento no fundamento passe também foi analisado a fim de verificar se houve evolução na relação com bola dos jogadores da equipe analisada. No gráfico 1 podemos verificar que houve uma tendência de queda do aproveitamento de passes da equipe ao longo dos 5 jogos analisados o que indica que não houve evolução na relação com bola dos atletas. Entretanto a relação com a bola não está associada apenas ao gesto motor do atleta mas a capacidade de responder da melhor maneira possível aos problemas impostos pelo o jogo. Segundo Garganta (1994) não existe um modelo fixo de execução do gesto motor e a tática (razões de fazer) é quem determina a técnica (como se fazer).

Corroborando com essa discussão Santana (2004) afirma que uma boa relação com bola está associada à habilidade de analisar o jogo, de decidir e de antever a jogada, todos esses fatores influenciam a forma de jogar dos praticantes. Scaglia (2008) afirma que “não basta manter boa relação individual com a bola, é preciso aprender a ler o jogo. E desse modo, aprender a se comunicar em meio à ação.”

5.6.1 Princípios Operacionais

Nos jogos 1, 2 e 4 nos momentos de ataque, foi verificado que a equipe tinha como regra de ação individual “manter o controle da bola” e coletivamente realizava desmarcações, trocas de posição e chamavam a bola para si a fim de conservarem a sua posse. Sendo assim podemos inferir que o princípio operacional predominante da equipe nos momentos de ataque nesses jogos foi o princípio operacional de “conservação da posse de bola”(BAYER,1994). No Gráfico 1 podemos notar que nos jogos 1 e 2 é nítido que a equipe realizou uma quantidade maior de passes do que nos outros jogos corroborando assim com o princípio operacional adotado pela equipe.

Nos jogos 3 e 5 podemos verificar através da análise das regras de ação dos jogadores da equipe que o principio operacional predominante no ataque foi “progressão para a baliza adversária”. As regras de ação predominantes observadas foram “o deslocamento da bola para a baliza adversária”, individualmente “levar a bola” em direção ao gol adversário e coletivamente “trocas curtas e longas”. A equipe buscava levar a bola através de corridas diretas do portador da mesma para o espaço livre em direção à baliza e os demais jogadores realizavam desmarcações para receber a bola em progressão. Nesses dois jogos como a equipe buscava progredir em direção ao gol adversário houve um número maior de finalizações do que nos jogos onde o principio operacional predominante era a “conservação da posse de bola”, como pode ser notado no Gráfico 4.

No momento defensivo foi verificado que nos 5 jogos analisados as regras de ação foram às mesmas. Nos jogos a equipe teve como regras de ação predominante “travar, fazer recuar o adversário: marcação do adversário não portador da bola para impedir os passes, atividade para impedir a progressão nos espaços livres do portador da bola” (BAYER, 1994) por isso podemos afirmar que o principio operacional da equipe foi o “principio operacional: perturbar a progressão do adversário na defesa”. No Gráfico 2 podemos notar

que o número total de intercepções e de desarmes não sofreu grandes alterações ao longo dos jogos, deixando claro que a equipe teve as mesmas regras de ação ao longo dos 5 jogos. Como a equipe teve como regra de ação “marcação do adversário não portador da bola para impedir os passes” supomos que a tendência seria de que o número total de intercepções se sobressaísse ao número de desarmes, porém segundo Leitão (2004) o jogo de futebol é um jogo de passes e conseqüentemente a intercepção acaba sendo a forma mais comum de recuperação da posse de bola.

No jogo 4 podemos observar que houve uma queda no número de intercepções e de desarmes. Esse fato pode ser observado pois em muitos momentos defensivos do jogo não havia um princípio comum que orientava a ação coletiva dos jogadores e por isso a equipe teve dificuldade em impedir a progressão do adversário e recuperar a posse de bola.

6 Considerações Finais

A partir dos dados encontrados neste estudo, podemos tecer as seguintes considerações:

- Em relação à “comunicação na ação” os jogadores da equipe analisada tiveram o mesmo comportamento ao longo dos 5 jogos. A forma predominante de comunicação foi a “verbalização e a comunicação gestual” característica da fase de “estruturação”.

- Na estruturação do espaço a equipe nos jogos analisados 1 e 3 teve como balizador da ocupação espacial a plataforma tática e os jogadores ocupavam o campo de jogo de forma racional e existia uma coordenação de funções onde cada jogador tinha seu posicionamento e respeitava e se relacionava com o posicionamento dos demais, por isso a equipe neste aspecto pode ser classificada na fase de jogo “estruturação”. Já nos jogos 2, 4 e 5 subseqüentes a equipe não ocupou o espaço de jogo de forma racional como nos anteriores e a plataforma tática não foi uma referência sólida para a ocupação de espaço e os jogadores se comportaram “em função dos elementos do jogo” fato que segundo tabela de Garganta (1994) é característica da fase de jogo de “descentração” sendo assim a equipe regrediu no quesito “estruturação do espaço”.

- Na relação com a bola os jogadores apresentaram o mesmo comportamento ao longo dos 5 jogos analisados e utilizaram nos momentos onde estavam em contato com a bola “da visão central para a periférica”. Os jogadores sempre que em contato com a bola voltavam o olhar para a mesma. Esse fato demonstra que os jogadores não possuem uma capacidade proprioceptiva desenvolvida para o controle da bola e por isso se encontra na fase de “descentração” no aspecto “relação com bola” segundo tabela de Garganta (1994).

- Considerando que um dos objetivos principais desse estudo foi analisar a “fase de jogo” da equipe ao longo dos jogos, não podemos afirmar que houve evolução em nenhum dos três quesitos avaliados “comunicação na ação”, “estruturação do espaço” e “relação com bola” e a equipe permaneceu em um momento de transição da “fase de jogo” de “descentração” e “estruturação”.

- Observou-se que a equipe utilizou basicamente as plataformas 1-4-4-2 e 1-3-5-2, como se trata de uma equipe da categoria de base essa mudança na plataforma de jogo

é importante para o aprendizado dos atletas, pois os mesmo devem vivenciar diversas plataformas e posições no campo de jogo.

- Em relação aos princípios operacionais de ataque foi verificado que nos jogos 1, 2 e 4, a equipe tinha como regra de ação individual “manter o controle da bola” e coletivamente realizava desmarcações, trocas de posição e chamavam a bola para si a fim de conservarem a sua posse. Sendo assim podemos inferir que o princípio operacional predominante da equipe nos momentos de ataque nesses jogos foi o princípios operacional de “conservação da posse de bola” (BAYER,1994). Nos jogos 3 e 5 podemos verificar através da análise das regras de ação dos jogadores da equipe que o princípio operacional predominante no ataque foi “progressão para a baliza adversária”. As regras de ação predominantes observadas foram “o deslocamento da bola para a baliza adversária”, individualmente “levar a bola” em direção ao gol adversário e coletivamente “trocas curtas e longas”. A equipe buscava levar a bola através de corridas diretas do portador da mesma para o espaço livre em direção à baliza e os demais jogadores realizavam desmarcações para receber a bola em progressão.

- Nos princípios operacionais de defesa foi verificado que nos 5 jogos analisados as regras de ação foram as mesmas. Nos jogos a equipe teve como regras de ação predominante “travar, fazer recuar o adversário; marcação do adversário não portador da bola para impedir os passes, atividade para impedir a progressão nos espaços livres do portador da bola” (BAYER, 1994) por isso podemos afirmar que o princípio operacional da equipe foi o “princípio operacional: perturbar a progressão do adversário na defesa”

- Com a análise de todos os dados e dentro das condições experimentais propostas, não podemos afirmar que houve uma evolução tática sistemática na equipe analisada. Os dados apontaram para uma oscilação no que tangem os aspectos táticos analisados e por isso podemos supor que o intervalo observado foi demasiadamente pequeno para a constatação de uma evolução tática sistemática e ou o processo de treino não foi realizado de forma adequada. Com isso podemos pensar novos estudos onde a análise tática terá uma duração maior e os treinamentos poderão ser analisados concomitantemente.

Referências

BALBINO, H. F. **Jogos Deportivos Coletivos e as inteligências múltiplas: Bases para uma proposta em pedagogia do esporte.** Hortolândia: UNASP, 2007.

BAYER, C. **O ensino dos desportos coletivos.** Lisboa: Dinalivro, 1994.

DAOLIO, J. Jogos esportivos coletivos: dos princípios operacionais aos gestos técnicos, modelo pendular a partir das idéias de Claude Bayer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.10, n.4, p.99-104, 2002.

DITIX, A., NALEBUFF, B. **Teoria dos jogos.** Cascais: Principia, 2001. (Enciclopédia de Economia).

FREIRE, J. B. Esporte Educacional. In: BARBIERI, C. A. S. **Esporte Educacional.** Brasília: M.E., 1997.

_____. Pedagogia do Esporte. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (Org.) **Fenômeno Esportivo no Início de Um Novo Milênio.** Piracicaba: Editora Unimep, 2000.

_____. Questões Psicológicas do Esporte. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (Org.) **Esporte como Fator de Qualidade de Vida.** Piracicaba: Editora Unimep, 2002.

_____. **O Jogo: entre o riso e o choro.** São Paulo: Autores associados, 2002.

_____. **Pedagogia do Futebol.** Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

_____. Da escola para a vida. In: VENÂNCIO, S.; FREIRE, J. B. (Org.) **O Jogo dentro e fora da escola.** Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação Como Prática Corporal.** São Paulo: Scipione, 2003.

GARDNER, H. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas.** Porto Alegre: Artes médicas sul, 1994.

GARGANTA, J. M. **Modelação tática do jogo de Futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento.** Tese (Doutorado)-Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1997.

_____. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.). **O ensino dos jogos desportivos.** Centro de estudos dos jogos desportivos. FCDEF-UP, 1994.

GRAÇA, A. Os Comos e os Quandos no Ensino dos Jogos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.). **O Ensino dos Jogos Desportivos.** 2. ed. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 1995.

GRECO, P. J.; BENDA, R. N. **Iniciação Esportiva Universal I: da aprendizagem motora ao treinamento técnico.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

GRECO, P. J. Tática e Processos Cognitivos Subjacentes a Tomada de Decisão nos Jogos Esportivos Coletivos. In: GARCIA, E. S.; LEMOS, K. L. M. (Org.). **Temas Atuais em Educação Física e Esportes – V.** Belo Horizonte: Editora Health, v. 5, p. 11-28, 2000.

KUHN, T. S. **A Estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: perspectiva, 2003.

LEITÃO, R. A. **Futebol: Análises qualitativas e quantitativas para verificação e modulação de padrões e sistemas complexos de jogo.** Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

_____. **O Jogo de Futebol: Investigação de sua estrutura, de seus modelos e da inteligência de jogo, do ponto de vista da complexidade.** Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2002.

MARQUES, R. F. R. Relato de uma experiência com o ensino de futsal para crianças de 9 a 12 anos. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.9, n.3, p.169-174, set./dez. 2003.

MONTAGNER, P. C. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva.** Campinas, 1999. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

PAES, R.R. **Educação Física Escolar: O esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

_____. Pedagogia do esporte e o jogo: considerações acerca do processo de ensino-vivência-aprendizagem socioesportiva. **Revista E**, v. 14, n. 12, 2008.

_____. **Educação Física Escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Canoas: Editora ULBRA, 2001.

_____. A Pedagogia do Esporte e os Jogos Coletivos. In: ROSE JR., D. (Org.). **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. Processo de Ensino e Aprendizagem do Basquetebol: perspectivas pedagógicas. In: ROSE, D. DE; TRICOLI, V. (Org.). **Basquetebol: uma visão integrada entre ciências e prática**. Barueri: Manole, 2005.

PAES, R. R.; MONTAGNER, P. C.; FERREIRA, H. B.. **Pedagogia do esporte: iniciação e treinamento em basquetebol**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

REVERDITO, R., SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte, 2009.

REVERDITO, R.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 600-610. 2009

SANTANA, W.C. **Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização**. Campinas: Autores associados, 2004.

SANTANA, W.C. **A relação com a bola**. Disponível em: <http://www.pedagogiadofutsal.com.br/texto_046>. Acesso em: 22 jun. 2010.

SCAGLIA, A.J. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCAGLIA, A. J.; SOUZA, A. **Pedagogia do Esporte**. In: **Dimensões pedagógicas do esporte**. Brasília: Unb/Cad, 2004.

_____. Reflexões preliminares acerca da pedagogia do esporte. **Revista E**, v. 14, n. 12, 2008.

SCAGLIA, A.J. **As competências essências do jogo de futebol**. Disponível em <<http://www.universidadedofutebol.com.br/Jornal/Colunas/Detalhe.aspx?id=10562>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

SÉRGIO, M. **Para uma nova dimensão do desporto**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

THOMAS, J.R., NELSON, J.K., SILVERMAN, S.J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TEODORESCU, L. **Problemas de Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos**. Lisboa: Livros Horizontes, 2003.

ZAKHAROV, A. **Ciência do Treinamento Desportivo**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1992.